



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS-CCI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E
TERRITÓRIO**

Jeana Maria de Moura Telles

**TRAJETÓRIAS E REPRODUÇÃO INTERGERACIONAL DO CONHECIMENTO
SOBRE PLANTAS MEDICINAIS NO MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL DE
ARAGUAÍNA/TO**

Araguaína/TO
2025

Jeana Maria de Moura Telles

**TRAJETÓRIAS E REPRODUÇÃO INTERGERACIONAL DO CONHECIMENTO
SOBRE PLANTAS MEDICINAIS NO MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL DE
ARAGUAÍNA/TO**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Dornival Venâncio Ramos Júnior

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Maíra Cavalcanti Vale

Araguaína/TO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T274t Telles, Jeana Maria de Moura.

Trajetórias e reprodução intergeracional do conhecimento sobre plantas medicinais no Mercado Público Municipal de Araguaína/TO / Jeana Maria de Moura Telles. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2025.

120 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) (Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCult) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Dernival Venâncio Ramos Júnior.

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maíra Cavalcanti Vale.

1. Saberes tradicionais. 2. Raizeiros. 3. Mercado Municipal de Araguaína. **CDD 301.09**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


Jeana Maria de Moura Telles

**TRAJETÓRIAS E REPRODUÇÃO INTERGERACIONAL DO CONHECIMENTO
SOBRE PLANTAS MEDICINAIS NO MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL DE
ARAGUAÍNA/TO**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) para obtenção do título de mestra. Foi avaliado para a obtenção do título de Mestra em Estudos de Cultura e Território e aprovada em sua forma final pelos Orientadores e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 17/10/2025


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **DERNIVAL VENANCIO RAMOS JUNIOR**
Data: 24/11/2025 16:26:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dr. Dernal Venâncio Ramos Júnior, UFNT (Orientador)

Documento assinado digitalmente
 **MAIRA CAVALCANTI VALE**
Data: 24/11/2025 11:06:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Maíra Cavalcanti Vale, UFNT (Coorientadora)

Documento assinado digitalmente
 **KENIA GONCALVES COSTA**
Data: 24/11/2025 11:30:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Kênia Gonçalves Costa, UFNT (Examinadora interna)

Documento assinado digitalmente
 **MARINA HAIZENREDER ERTZOGUE**
Data: 24/11/2025 15:40:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr.^a Marina Hainzenreder Ertzoque, UFT (Examinadora externa)

Dedico esse trabalho a minha família.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força, pela saúde e pela inspiração que me guiaram em todos os momentos dessa jornada.

Concluir esta pesquisa representa a realização de um sonho que não seria possível sem o apoio e a dedicação de muitas pessoas às quais expresso minha mais profunda gratidão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Dernival Venâncio Ramos Júnior, pela paciência, pela orientação incansável e pelo incentivo contínuo, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. E a minha coorientadora Dra. Maíra Cavalcanti Vale, pelo apoio e correções valorosas.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da UFNT, pelas discussões enriquecedoras e pelo ambiente de aprendizado coletivo que contribuíram enormemente para minha formação acadêmica.

À minha família, pelo amor incondicional, pelo apoio em cada passo desta caminhada e por sempre acreditarem em meu potencial.

Aos raizeiros que gentilmente compartilharam suas histórias, seus saberes e suas experiências, permitindo que esta pesquisa se tornasse possível. Em especial, ao Seu Didi e sua família, pela confiança e generosidade em abrir as portas de suas vidas e tradições para este estudo.

Aos amigos e colegas que, de diferentes formas, estiveram ao meu lado, oferecendo palavras de incentivo, apoio emocional e momentos de leveza nos dias mais desafiadores.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada gesto de apoio, incentivo e partilha tornou possível alcançar este marco tão significativo em minha trajetória acadêmica e pessoal.

RESUMO

Esta dissertação investiga as trajetórias e a reprodução intergeracional dos saberes tradicionais sobre plantas medicinais no Mercado Municipal de Araguaína/TO, com foco na prática dos raizeiros, em especial na trajetória de Adriano Pereira Freitas, conhecido como Seu Didi. O estudo parte da perspectiva da cultura e do território, entendendo o mercado como espaço simbólico e de memória, onde práticas comerciais, sociais e culturais se entrelaçam (Tuan, 2015; Geertz, 2008). A pesquisa fundamenta-se nos princípios da história oral (Thompson, 1992; Josso, 2006) e na etnografia interpretativa (Geertz, 2001), privilegiando a descrição densa e a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, histórias de vida e observação participante, envolvendo tanto Seu Didi e sua família quanto outros raizeiros e clientes do mercado. Os resultados indicam que a transmissão oral é o principal mecanismo de preservação e renovação dos saberes, associada a dimensões espirituais, comunitárias e familiares. Constatou-se que tais conhecimentos não apenas contribuem para a subsistência econômica, mas também reforçam a identidade cultural local e os laços intergeracionais. Contudo, desafios como a falta de regulamentação, apoio institucional e valorização acadêmica ainda ameaçam a continuidade dessas práticas. Assim, conclui-se que reconhecer e valorizar os raizeiros como guardiões da memória cultural é essencial para fortalecer a diversidade cultural e promover o diálogo entre tradição e contemporaneidade.

Palavras-chaves: Saberes tradicionais. Plantas medicinais. Raizeiros. Mercado Municipal de Araguaína.

ABSTRACT

This dissertation investigates the trajectories and intergenerational reproduction of traditional knowledge about medicinal plants in the Municipal Market of Araguaína/TO, focusing on the practices of herbalists, especially the life story of Adriano Pereira Freitas, known as Seu Didi. The study is framed by the perspective of culture and territory, understanding the market as a symbolic and memory space where commercial, social, and cultural practices intertwine (Tuan, 2015; Geertz, 2008). The research is grounded in the principles of oral history (Thompson, 1992; Josso, 2006) and interpretive ethnography (Geertz, 2001), privileging thick description and the comprehension of meanings attributed by subjects to their practices. To achieve this, semi-structured interviews, life stories, and participant observation were conducted, involving Seu Didi and his family as well as other herbalists and market clients. The results indicate that oral transmission is the main mechanism for preserving and renewing knowledge, closely tied to spiritual, community, and family dimensions. It was found that such knowledge not only contributes to economic subsistence but also reinforces local cultural identity and intergenerational bonds. However, challenges such as lack of regulation, institutional support, and academic recognition still threaten the continuity of these practices. Therefore, the study concludes that recognizing and valuing herbalists as guardians of cultural memory is essential to strengthening cultural diversity and promoting dialogue between tradition and contemporaneity.

Keywords: Traditional knowledge. Medicinal plants. Herbalists. Araguaína Municipal Market.

RESUMEN

Esta disertación investiga las trayectorias y la reproducción intergeneracional de los saberes tradicionales sobre plantas medicinales en el Mercado Municipal de Araguaína/TO, con énfasis en las prácticas de los herbolarios, en especial en la trayectoria de Adriano Pereira Freitas, conocido como Seu Didi. El estudio se fundamenta en la perspectiva de la cultura y el territorio, entendiendo el mercado como un espacio simbólico y de memoria, donde se entrelazan prácticas comerciales, sociales y culturales (Tuan, 2015; Geertz, 2008). La investigación se basa en los principios de la historia oral (Thompson, 1992; Josso, 2006) y en la etnografía interpretativa (Geertz, 2001), privilegiando la descripción densa y la comprensión de los significados atribuidos por los sujetos a sus prácticas. Para ello, se realizaron entrevistas semiestructuradas, relatos de vida y observación participante, involucrando tanto a Seu Didi y su familia como a otros herbolarios y clientes del mercado. Los resultados señalan que la transmisión oral es el principal mecanismo de preservación y renovación de los saberes, asociada a dimensiones espirituales, comunitarias y familiares. Se constató que dichos conocimientos no solo contribuyen a la subsistencia económica, sino que también refuerzan la identidad cultural local y los lazos intergeneracionales. No obstante, desafíos como la falta de regulación, apoyo institucional y reconocimiento académico aún amenazan la continuidad de estas prácticas. Así, se concluye que reconocer y valorar a los herbolarios como guardianes de la memoria cultural es esencial para fortalecer la diversidad cultural y promover el diálogo entre tradición y contemporaneidad.

Palabras clave: Saberes tradicionales. Plantas medicinales. Herbolarios. Mercado Municipal de Araguaína.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mercado Municipal de Araguaína-TO na década de 1980.....	33
Figura 2 – Mercado Municipal em relação a cidade de Araguaína.....	35
Figura 3 – Mercado Municipal de Araguaína localização.....	36
Figura 4 – Antigo Mercado Municipal de Araguaína	37
Figura 5 – Mercado Municipal de Araguaína fachada atual.....	38
Figura 6 – Croqui das bancas no Mercado Municipal	39
Figura 7 – Raizeiro Seu Valterlino	40
Figura 8 – Raizeira Senhora Maria do Rosário	42
Figura 9 – Raizeira Senhora Itelvina	43
Figura 10 – Raizeiro Seu Rodezio.....	45
Figura 11 – Picão, canela e manjeriço	49
Figura 12 – Ervas e Raízes	51
Figura 13 – Garrafadas do Mercado de Araguaína	53
Figura 14 – Detalhe de uma banca no Mercado Municipal	55
Figura 15 – Araguaína e Darcinópolis/TO	57
Figura 16 – Riachão e Tuntum/MA	61
Figura 17 – Raizeiro Seu Didi e sua esposa Joana	66
Figura 18 – Configuração atual do Tocantins	67
Figura 19 – Raizeiro Josivan.....	73
Figura 20 – Raizeiro Luciano Neto	77
Figura 21 – Cascas, ervas e raízes no Mercado Municipal.....	88
Figura 22 – Óleos e Raízes	89
Figura 23 – Consumidores no Mercado de Araguaína	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Raízes, óleos e ervas encontrados em atividades de compra e venda...52	
Quadro 2: Cronograma de Pesquisa - Cronograma de Pesquisa.....94	

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVC -	Acidente Vascular Cerebral
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PI -	Piauí
PPGCult -	Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território
TO -	Tocantins
UEPI -	Universidade Estadual do Piauí
UFNT -	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UFT -	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	14
2	O LUGAR DA PESQUISADORA, TEORIA E A METODOLOGIA DO TRABALHO.....	17
3	OS RAIZEIROS E SEUS CLIENTES NO MERCADO DE ARAGUAÍNA: UMA DESCRIÇÃO DO ESPAÇO E SUJEITOS DA PESQUISA.....	28
3.1	O Mercado Municipal de Araguaína.....	31
3.2	Os raizeiros no Mercado Municipal de Araguaína.....	38
3.3	Em busca de cura: a perspectiva dos clientes dos raizeiros.....	47
4	DIALOGANDO COM ADRIANO PEREIRA FREITAS SOBRE MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E IDENTIDADE COMO RAIZEIRO....	57
4.1	O encontro com o raizeiro: memórias, sabedoria tradicional e histórias de vida.....	57
4.2	A juventude de Seu Didi.....	63
4.3	O casamento e a mudança para Araguaína.....	65
4.4	A formação de um raizeiro.....	68
4.5	Os “herdeiros”: a continuidade da prática através das gerações familiares.....	72
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
	REFERÊNCIAS.....	81
	APÊNDICE.....	87

1. APRESENTAÇÃO

Esse texto busca explorar a temática da preservação e disseminação de saberes tradicionais relacionados ao uso de plantas medicinais. Focando na prática dos raizeiros do Mercado Municipal de Araguaína, o estudo destaca a relevância da transmissão oral desses conhecimentos e o papel desses profissionais na comunidade local. A dissertação utiliza uma abordagem fundamentada na história oral, com entrevistas semiestruturadas, e da autoetnografia, fundamentando-se na capacidade de reflexividade da pesquisadora. A pesquisa aborda a trajetória de Adriano Pereira Freitas, conhecido como Seu Didi, um raizeiro com mais de 40 anos de experiência. Examina também a atuação de outras gerações da família de Seu Didi e de outros raizeiros, ressaltando a continuidade e a renovação desses saberes tradicionais. Seu Didi personifica o diálogo entre o passado e o presente, compartilhando práticas de cura aprendidas em um contexto familiar e comunitário. Por sua vez, o Mercado Municipal é destacado como um espaço multifuncional, onde práticas comerciais, culturais e sociais se entrelaçam, resistindo às pressões do capitalismo contemporâneo.

Essa pesquisa busca explorar a temática da preservação e disseminação de saberes tradicionais relacionados ao uso de plantas medicinais. Focando na prática dos raizeiros do Mercado Municipal de Araguaína, o estudo destaca a relevância da transmissão oral desses conhecimentos e o papel desses profissionais cidade de Araguaína.

Depois de situar o mercado municipal e descrever a atuação de raizeiros e clientes, a pesquisa aborda a trajetória de Adriano Pereira Freitas, conhecido como Seu Didi, um raizeiro com mais de 40 anos de experiência. Examina também a atuação de outras gerações da família de Seu Didi e de outros raizeiros, ressaltando a continuidade e a renovação desses saberes tradicionais.

Seu Didi personifica o diálogo entre o passado e o presente, compartilhando práticas de cura aprendidas em um contexto familiar e comunitário. Por sua vez, o Mercado Municipal é destacado como um espaço multifuncional, onde práticas comerciais, culturais e sociais se entrelaçam, resistindo às pressões do capitalismo contemporâneo.

Os capítulos foram organizados da seguinte maneira. No primeiro capítulo, apresento a proposta do estudo, situando o leitor quanto ao tema, aos objetivos e à

relevância da pesquisa. Nesse momento inicial, procuro contextualizar a importância dos saberes tradicionais no cenário atual e justificar a escolha do Mercado Municipal de Araguaína como locus de investigação, ressaltando as motivações pessoais, sociais e acadêmicas que levaram à realização deste estudo.

No segundo capítulo, exponho o lugar da pesquisadora, os referenciais teóricos e a metodologia adotada. Discuto as bases conceituais sobre cultura, território e saberes tradicionais, a partir de autores como Geertz (1997; 2008), Tuan (2015) e Escobar (2005). Em seguida, descrevo os caminhos metodológicos trilhados, destacando a abordagem etnográfica, o uso da história oral e a observação participante (Minayo, 2013), bem como as etapas de coleta e análise de dados, sempre considerando a posição da pesquisadora no campo.

No terceiro capítulo, apresento os raizeiros e seus clientes no Mercado de Araguaína, descrevendo tanto o espaço físico quanto os sujeitos que nele atuam. Procuro evidenciar a pluralidade de práticas, produtos e narrativas que constituem esse território, destacando a relação simbólica que se estabelece entre os raizeiros, a comunidade local e a tradição de uso das plantas medicinais. Analiso também as tensões entre saberes tradicionais e epistemologias dominantes, mostrando como o mercado se configura como espaço de resistência e pertencimento cultural.

Por fim, no quarto capítulo, dialogo diretamente com Adriano Pereira Freitas, conhecido como Seu Didi, a partir de memórias de formação e identidade como raizeiro. Reconstituo sua trajetória por meio da história oral, abordando sua infância, o aprendizado com familiares e vizinhos, o desenvolvimento de práticas próprias e a consolidação de sua identidade como referência no ofício. Através de suas narrativas, emergem os vínculos entre família, ritual, trabalho e comunidade, permitindo compreender como a tradição se perpetua e se ressignifica no tempo.

Apresento, ainda, minhas considerações finais não como forma de findar o debate aqui iniciado, mas como uma primeira tentativa desta pesquisadora em explorar uma temática tão rica e diversa. Ao final, trazemos no Apêndice E, um catálogo sobre ervas e plantas medicinais.

Para além de sua função econômica, o Mercado Municipal de Araguaína configura-se como um espaço simbólico e de memória, onde práticas comerciais, sociais e culturais se entrelaçam de forma indelével. Concordo com a ideia de que é a experiência humana que confere sentido ao espaço, convertendo-o em lugar (Tuan, 2015; Geertz, 2008). Nesse território, os saberes praticados e transmitidos

pelos raizeiros são inseparáveis do ambiente que os abriga, constituindo uma vivência complexa entre o espaço físico e a identidade coletiva.

No cerne dessa dinâmica, destaca-se a trajetória de Seu Didi, raizeiro com mais de quarenta anos de experiência, cuja história de vida personifica o diálogo entre o passado e o presente. Através de sua narrativa e da de seus herdeiros, o filho Josivan e o neto Luciano, é possível acompanhar os mecanismos de reprodução intergeracional do capital cultural (Bourdieu; Passeron, 2014) que validam a perpetuação desses saberes. A pesquisa revela que a transmissão oral, associada a dimensões espirituais, comunitárias e familiares, é o principal mecanismo de preservação e renovação desse conhecimento, que não apenas contribui para a subsistência econômica, mas também reforça a identidade cultural local e os laços comunitários.

2. O LUGAR DA PESQUISADORA, TEORIA E A METODOLOGIA DE PESQUISA

Minhas lembranças são muitas, umas boas, outras um pouco sofridas. Morei em Baixa Grande no interior do sertão no município de Picos-Piauí, sem acesso à água com facilidade. A lembrança mais recorrente é que minha família esperava o carro-pipa na maior expectativa para obter a água necessária, tudo era muito escasso, vivíamos em uma comunidade de pessoas unidas e quase todos eram parentes ali. E como não havia escola próxima de casa, toda semana os parentes se revezavam para deixar as crianças na escola, uns iam a cavalo outros de bicicleta, mas todos iam com muita alegria, saindo muito cedo para não atrasar. Na escola, os colegas sempre compartilhavam os lanches, que eram: batata-doce cozida, abóbora, rapadura e doce de buriti. É importante ressaltar que todos se ajudavam, todos tinham o cuidado uns com os outros para que ninguém ficasse para trás.

A escola era um lugar bem simples, mas que gerava imenso prazer. A vontade de estudar era imensa e eu tinha uma admiração muito grande pela professora. Não passei pela alfabetização, entrei diretamente no primeiro ano. Estudei assim até a terceira série. Lembro que na quarta série, meu pai mudou para a cidade de Picos – PI. Nesta época, a escola já ficava mais próxima de minha casa. Mas tudo parecia tímido para mim. Dentro de mim, falava um desejo de ser igual à professora que tinha deixado lá no interior, que era a professora Ione, que nunca a esqueci. Ela era espetacular, usava uma tiara na cabeça e umas roupas “bem-comportadas”. Todas as aulas para mim eram surpreendentes, a professora Ione era um pouco brava e eu possuía um pouco de temor na hora da leitura. A escola para mim era um lugar que causava um desejo de querer aprender a ler e a escrever meu próprio nome. A professora da quarta série era muito fechada, lembro que era bastante organizada, não gostava de sala suja e sempre dizia para os alunos tomarem banho e ir para a escola cheirosos. Uma das lembranças que tenho era que as mesas eram compartilhadas, sentavam-se quatro alunos em cada mesa. Eu não gostava de sentar nas mesas que tinham meninos brincalhões. O interessante é que a professora sempre mudava os alunos de lugar. Já no ginásio estudei no Instituto Monsenhor Hipólito, colégio religioso onde consegui a vaga através de um teste seletivo. Para minha família a educação era uma condição necessária, meus pais faziam de tudo para que os filhos estudassem, recordo bem da fala do meu pai que mencionava o desejo de morar na cidade para que os filhos estudassem e

também conseguissem um bom emprego, para ter dignidade. Interessante é que alguns membros da minha família foram para a cidade estudar e, posteriormente, trouxeram outros parentes. Posso dizer que, em minha família, o estudo era o único meio de ascender socialmente na vida.

Recorro ao meu passado na memória da professora Ione, com suas práticas em sala de aula e o seu jeito de ser, pois sinto orgulho por ter seguido seus passos e nutro grande admiração pela profissão do magistério, que alcança, sem distinção, muitas crianças e adolescentes no intuito de se obter o conhecimento necessário.

Nitidamente, meu passado interferiu diretamente na minha área profissional e de estudo. As lembranças dos meus professores me fizeram impulsionar o desejo de aprender e obter mais conhecimentos. Sou graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí (UEPI). E meu percurso profissional e acadêmico têm como característica o enlace entre o universo educativo e as realidades culturais e sociais do Brasil, especialmente da região Norte. Fiz minha primeira especialização em Psicopedagogia Educacional voltada à Educação Infantil e Séries Iniciais (Faculdade FAVENI). Busquei construir um olhar sensível e humanista sobre os conhecimentos transmitidos de geração em geração, indo além das fronteiras de sala de aula.

Minha caminhada acadêmica foi enriquecida por uma segunda especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFT), ampliando-se meu entendimento acerca das múltiplas facetas da educação em contextos de vulnerabilidade. Dessa forma, compreendi com maior profundidade os desafios enfrentados pelas comunidades que convivem diariamente com as consequências das desigualdades econômica e social e, simultaneamente, carregam consigo uma gama inestimável de riqueza cultural e saberes tradicionais.

Procurei aprimorar minha consciência crítica, reconhecendo a cada dia a relevância dos saberes ancestrais, eu passei a ter em vista o fortalecimento das relações comunitárias e a construção de identidades coletivas. Nesse contexto, reconhecer os saberes locais, como por exemplo, acerca das plantas medicinais, e contribuir para a preservação das tradições ancestrais, é fundamental.

Minha *práxis* docente foi bastante influenciada pela vivência nas comunidades onde atuei tanto como professora na Educação Básica quanto na gestão escolar. O contato próximo com as crianças, os jovens e seus familiares nos permitiram uma visão ampliada acerca da potencialidade de uma educação que aponte para

emancipação humana, valorizando e reconhecendo as tradições culturais enraizadas nesses ambientes.

Já a escolha pelo mestrado em Estudos de Cultura e Território foi em virtude de ter na memória a profissão dos meus pais, vendedores de temperos no Mercado Municipal. Nesse sentido, as relações comerciais que eles praticavam e as dificuldades que enfrentavam me fizeram despertar para o fato de que o mercado é um espaço para além do âmbito comercial, pois ele mantém também relações muito ricas que se entrelaçam entre vendedores e consumidores. Para mim, o mercado é um espaço de tradições intergeracionais e memórias multiculturais, um lugar de reciprocidades diversas.

Essa percepção do mercado como repositório de saberes e afetos encontra eco em Bosi (2025), para quem a cultura popular é sustentada pela memória dos grupos subalternos, que tecem, no cotidiano do trabalho e da vida comunitária, um saber rico e resistente. A autora demonstra como os conhecimentos tradicionais e as narrativas orais não apenas persistem, mas se renovam nas práticas diárias, constituindo uma forma de resistência cultural. Dessa forma, ao adentrar o Mercado Municipal de Araguaína, não estava apenas acessando um lócus de pesquisa, mas sim um espaço vivo onde essa memória social se materializa nas bancas de raizeiros, nas histórias de Seu Didi e nas trocas com os clientes, permitindo-me documentar e compreender melhor esse ambiente e pessoas.

Hoje, a pós-graduação é o ápice de minhas realizações, profissional e pessoal. Na UFNT/UFT, vejo pessoas preocupadas com o conhecimento e a produção científica. Sinto orgulho em caminhar ao lado dessas pessoas, mesmo sabendo de minhas limitações e que ainda há muito a aprender.

Dialogando com a obra *Os Herdeiros*, compreendo que o grau de adesão ao chamado jogo intelectual e os valores que ele envolve nunca é independente da origem social (Bourdieu; Passeron, 2014). Essa perspectiva reflete minha própria trajetória, marcada pela dualidade entre a busca por estudar e os desafios impostos por minha origem no interior do Piauí. Os autores também ressaltam que estudar não é apenas criar ou construir cultura, mas "criar-se no melhor dos casos." Penso que esse processo implica confrontar condutas racionais com condições reais, avaliando sempre o abismo que frequentemente separa ambos.

Entendo, dessa forma, que minha identidade cultural, profundamente enraizada nas tradições e valores da minha comunidade de origem, desempenha

um papel fundamental na forma como me relaciono com o mundo. A cultura, enquanto elemento estruturante da sociedade, oferece um senso de identidade coletiva e promove pertencimento, unindo pessoas por meio de costumes, tradições e valores compartilhados (Bourdieu; Passeron, 2014). Carrego comigo as marcas do meu grupo cultural, que moldaram minha visão de mundo, meus comportamentos e minha capacidade de interação social. Ou seja, convivo desde muito com essa realidade que ora pesquiso e esse envolvimento constitui minha maneira de viver e pensar.

As minhas expectativas para o futuro estão relacionada a dar visibilidade aos conhecimentos adquiridos no mestrado. Nunca esquecerei de todos os eventos assistidos no campus da UFNT e até das próprias disciplinas cursadas, que me fizeram enxergar para além dos pensamentos mínimos que tinha. O mestrado em cultura e território contribuirá muito em minha carreira e também no meio comunitário em que atuo.

Por sua vez, a convivência com raizeiros da localidade me permitiu entender melhor o valor da ciência tradicional, assim como sua relação simbiótica com a cultura e a ritualidade da região. A prática da cura, da utilização de ervas, cascas e raízes perpetuadas pelas gerações, sobretudo através da transmissão oral desses saberes, nos fez manifestar a ideia de aproximação com esse tema de pesquisa. Essa experiência contribuiu de forma significativa para a minha carreira, ao ampliar meu olhar acadêmico e consolidar uma linha de investigação pautada na valorização dos saberes populares. No âmbito comunitário, fortaleceu meu compromisso com a preservação das práticas culturais locais e com a legitimação de sujeitos históricos que, muitas vezes, permanecem à margem das narrativas oficiais. Do ponto de vista da minha visão de mundo, permitiu-me reconhecer a interdependência entre ciência, tradição e ritualidade, despertando em mim uma postura crítica e sensível diante das diferentes formas de conhecimento e de resistência cultural.

No Mercado Municipal de Araguaína/TO tive a oportunidade de interagir mais intensamente com a dinâmica que entrelaça tradições da ancestralidade, práticas comunitárias e atividades econômicas. Observei, de forma direta, a troca de conhecimentos entre os mais velhos e os mais jovens. De um lado os saberes tradicionais e do outro a manifestação de curiosidade em aprender e preservar essas práticas tradicionais.

Dessa maneira, compreendo o Mercado Municipal como um espaço que materializa parte importante do patrimônio cultural imaterial regional, onde diversos conhecimentos sobre plantas, cascas, raízes e ervas são compartilhados e preservados como parte da identidade coletiva popular. Ademais, insere-se como um microcosmo da resistência cultural em meio às pressões sociais do capitalismo contemporâneo, que tende historicamente a desvalorizar saberes e práticas tradicionais.

Com humildade, atitude respeitosa e se colocando como aprendiz e aliada dos saberes tradicionais, adentrei o universo dos conhecimentos sobre plantas medicinais e aspectos da vida de um raizeiro. Fundamentando-se em entrevistas e observações *in loco*, documentei o papel dos raizeiros como guardiões de um conhecimento que ultrapassa o tempo e as gerações, oferecendo ao mesmo tempo cura e fortalecimento cultural à comunidade local.

Nesta dissertação, busco, assim, explorar as complexidades e as nuances do processo de transmissão de saberes, examinando de que forma os conhecimentos tradicionais sobre plantas e raízes se mantêm vivos e relevantes no contexto do Mercado Municipal de Araguaína.

Para articular essa posicionalidade e transformar minha experiência subjetiva em lente de análise, adoto também a autoetnografia como um dos pilares metodológicos desta pesquisa. Mais do que uma simples descrição do meu lugar de fala, a autoetnografia permite que eu utilize minhas memórias, experiências e interações no campo não como viés, mas como dados privilegiados para compreender o fenômeno estudado. Esta abordagem busca complementar a história oral e a etnografia interpretativa, criando um diálogo entre a narrativa dos outros e a minha própria. Ao me reconhecer como parte integrante do tecido social que investigo, como educadora, assumo que a compreensão dos saberes tradicionais é também mediada pelo meu processo de autorreflexão crítica. Dessa forma, a autoetnografia legitima minha voz na pesquisa e também enriquece a descrição almejada, ao incluir as camadas de significado que emergem do encontro com as trajetórias de Seu Didi e demais raizeiros (Santos, 2017; Ellis; Bochner, 2006).

Por fim, esta pesquisa também é uma forma de homenagem aos mestres populares, às tradições orais e à resiliência das comunidades que, apesar das transformações sociais e econômicas, continuam a valorizar e praticar o que aprenderam de seus ancestrais.

A relação dos raizeiros com o Mercado Municipal remete à concepção de lugar como um centro de significados, conforme sugere Tuan (2015a), ao afirmar que um lugar é um espaço dotado de valor afetivo, construído pela experiência e pela vivência contínua. Nesse sentido, os saberes tradicionais ali transmitidos não estão apenas enraizados no conhecimento das plantas, mas sobretudo no sentimento de pertencimento e nas práticas cotidianas que transformam o espaço físico do mercado em um lugar significativo para a comunidade.

Argumento ainda que a cultura deve ser entendida como um sistema de significados compartilhados, expressos em símbolos e práticas que orientam a vida social (Geertz, 2008). Nesse contexto, os saberes dos raizeiros constituem uma forma simbólica de conhecimento que não apenas cura, mas também organiza o mundo e as relações sociais de quem o pratica. Dessa forma, o uso de raízes não é apenas funcional, mas interpretativo e culturalmente situado. Esse entendimento permite compreender que cada prática de cura carrega uma cosmovisão específica, na qual natureza, ritualidade e coletividade estão profundamente entrelaçadas. Assim, ao utilizar e transmitir esses saberes, os raizeiros reafirmam valores comunitários e reforçam identidades culturais que resistem às pressões da racionalidade científica ocidental.

Esta pesquisa buscou examinar aspectos que envolvem a transmissão e preservação dos saberes tradicionais sobre plantas medicinais, sob a perspectiva de raizeiros do Mercado Municipal de Araguaína/TO. O espaço do Mercado Municipal de Araguaína deve ser compreendido não apenas em sua materialidade, mas como uma construção simbólica que carrega sentidos históricos, culturais e afetivos. A experiência humana confere sentido ao espaço, convertendo-o em lugar (Tuan, 2015a). Assim, os saberes ancestrais praticados e transmitidos pelos raizeiros são inseparáveis do ambiente que os abriga, constituindo uma vivência complexa entre espaço físico e identidade coletiva (Tuan, 2015a).

Os saberes tradicionais devem ser compreendidos em seus próprios termos, a partir da interpretação dos significados que os sujeitos atribuem às suas práticas. A etnografia, nesse cenário, busca tanto descrever eventos, como decifrar os sistemas simbólicos que estruturam a ação humana (Geertz, 1997). Portanto, compreender os raizeiros do Mercado de Araguaína exige mais do que catalogar plantas, é preciso interpretar os significados que eles atribuem a essas práticas em

seu contexto social por meio de uma metodologia pautada nas relações cotidianas e na observação participante (Minayo, 1994; 2013).

Nesse sentido, pode-se dizer que a transmissão dos conhecimentos tradicionais entre as gerações familiares, principalmente no que diz respeito à utilização de plantas e raízes para cura de diversos males, constitui um fenômeno cultural, tendo em vista as questões que envolvem a preservação dos distintos modos de vida e a manutenção das identidades locais, atravessadas pelo capitalismo contemporâneo.

Para Geertz (2008), cultura é aquilo que dá sentido à ação humana, e, portanto, não se pode compreender uma prática como o uso de plantas medicinais sem levar em conta os sistemas de valores e crenças que a sustentam. O que parece um simples saber empírico sobre ervas é, na verdade, a expressão de um modo de vida, de uma cosmologia própria que integra natureza, comunidade e ritual.

Notadamente, o modo de produção hegemônico acentua a lógica mercadológica, colocando-se em risco práticas econômicas não alinhadas. Polanyi (2000), em sua obra *A Grande Transformação*, argumenta que nenhuma sociedade poderia sobreviver sem algum tipo de sistema econômico. Embora a historiografia e a antropologia revelem uma diversidade de sistemas econômicos, grande parte deles está ao mercado como instituição. O autor também aponta que, embora não houvesse economias controladas por mercados em diversos espaços e tempos históricos, a prática humana da troca, permuta e barganha é conhecida em diversas sociedades.

No contexto da Amazônia Legal e do Cerrado brasileiro, em particular no estado de Tocantins, pode-se dizer que a transmissão dos saberes tradicionais se realiza de maneira intensa nos denominados mercados populares, espaços que aglutinam práticas econômicas, sociais e culturais permeadas pela transmissão oral e pelo intenso convívio popular, como estudados por Bezerra (2016), Moura *et al.* (2020) e Nery (2021).

Esses mercados, além de serem pontos de encontro para a compra e venda, também são ambientes propícios para investigações baseadas na história oral, que vão além de sua utilização como fonte, como apontado em estudos que exploram histórias de vida de sujeitos em territórios comunitários (Silva; Ramos Júnior, 2024). Essas investigações, desenvolvidas ao longo da última década, destacam a práxis crítica na história oral com povos do campo, da floresta e das águas, reforçando as

dinâmicas de transmissão de saberes em comunidades tradicionais (Silva; Ramos Júnior, 2024).

Em especial, trago as histórias de Seu Didi, raizeiro, hoje aposentado, muito respeitado na região. Compreendo esses saberes como um elo entre o presente e o passado que mantém viva a tradição local e fortalece as identidades comunitárias. Escolhi investigar a trajetória desse raizeiro devido ao seu papel na transmissão de saberes ancestrais para a comunidade local e à importância de sua história de vida.

Dessa forma, refletir acerca de suas práticas e sua trajetória de vida é também buscar compreender os diversos processos de resistência cultural e a resiliência dos saberes tradicionais em cenários de mudança social e econômica. Para além de conhecer informações sobre o uso de plantas medicinais no cotidiano, quero descrever valores e significados de tais práticas a partir da ótica dos próprios sujeitos históricos, como o seu Didi e seus descendentes.

No Brasil, pode-se dizer que os conhecimentos sobre plantas medicinais remontam às culturas ancestrais dos povos indígenas e afro-brasileiros. Especificamente, na região de Araguaína, as práticas de cura e reza se mantêm particularmente fortes (Carvalho, 2022; Venâncio, 2019), constituindo um importante modo de vida alternativo e significativo para as comunidades. Relegados frente as práticas comerciais modernas, os saberes ancestrais se constituem como um relevante recurso para saúde e bem-estar.

Essa permanência de práticas tradicionais evidencia que o uso de plantas medicinais não pode ser dissociado das disputas de poder e dos modos de produzir conhecimento. De acordo com Escobar (2005, p. 70), “o domínio do espaço sobre o lugar tem operado como um dispositivo epistemológico profundo do eurocentrismo na construção da teoria social”. Destacando-se, no contexto pesquisado, a tensão entre epistemologias dominantes e os conhecimentos tradicionais.

Entende-se que cultura e território constituem categorias indissociáveis para compreender a dinâmica dos saberes tradicionais. A cultura pode ser interpretada como um sistema de significados compartilhados, expresso em símbolos, rituais e práticas cotidianas que orientam a vida social, em consonância com a perspectiva da antropologia interpretativa. O território, por sua vez, ultrapassa a dimensão física do espaço e envolve as experiências, memórias e identidades construídas pelos sujeitos que nele habitam, tal como discutido pela geografia humanista. Nessa linha, o território deve ser visto como vivido e ressignificado pela ação humana, sendo

palco de disputas, pertencimentos e resistências, aspecto também ressaltado por abordagens críticas da geografia brasileira. Além disso, ao reconhecer as tensões entre epistemologias dominantes e saberes locais, reforça-se a ideia de que os conhecimentos tradicionais não se limitam a técnicas de cura, mas configuram-se como práticas culturais situadas em espaços simbólicos que dão sentido às relações sociais e à própria existência comunitária (Geertz, 1997; 2008; Tuan, 2015; Santos, 1996; 2000; Escobar, 2005).

Nesse contexto, o Mercado Municipal de Araguaína se apresenta como um ponto de encontro para troca de conhecimentos, um território de preservação cultural. Em que os raizeiros compartilham seus saberes com a comunidade local em um ambiente de legitimidade e pertencimento. É dentro desse cenário que destaca o papel de referência da tradição que Seu Didi possui, algo que foi construído ao longo de décadas e transmitido pela oralidade.

Nessa perspectiva, o comércio de diversos itens, como ervas, raízes, cascas e óleos medicinais no Mercado Municipal de Araguaína revela uma expressão concreta do processo de transmissão intergeracional dos saberes tradicionais, em que raizeiros, vendedores e consumidores locais participam ativamente de um ciclo de permutas que transcende o valor mercantil, alargando-se à questão da preservação de práticas populares.

Grosso modo, as desigualdades e contradições econômicas e sociais de um país continental, refletem-se em relações complexas entre saberes, comércio e cultura no contexto de um mercado tradicional no interior do Brasil. Ressalta-se que a ligação afetiva com o lugar, a topofilia, está ligada à memória, ao hábito e ao cotidiano (Tuan, 2015b). No contexto do Mercado de Araguaína, essa topofilia se manifesta no carinho que os raizeiros e consumidores dedicam ao espaço, reconhecendo-o como extensão de suas histórias de vida e cultura. Essa relação afetiva contribui diretamente para a manutenção dos saberes tradicionais, conferindo-lhes legitimidade e continuidade.

Nesse sentido, esta pesquisa foi construída a partir da seguinte questão: como os saberes tradicionais que envolvem plantas medicinais e raízes são transmitidos pelas gerações familiares no âmbito do Mercado Municipal de Araguaína/TO?

Tal questionamento tem relevância significativa, sobretudo devido à pressão econômica das práticas comerciais hegemônicas e contemporâneas. Nesse sentido,

o mercado é um espaço onde as pessoas se reúnem para realizar trocas ou compras e vendas. Nesse espaço, a economia está integrada às relações sociais, ao contrário do que ocorre em outros espaços em que as relações sociais acabam se tornando submissas ao sistema econômico capitalista. Assim, o mercado municipal é espaço onde as práticas econômicas e culturais se entrelaçam, evidenciando a complexidade das interações sociais e econômicas que ali ocorrem.

Conforme Moraes (2014), o território pode ser visto como um lugar de pertencimento, por que ao ser um espaço utilizado pelos indivíduos para produzirem e reproduzirem a vida através da cultura como composta por sistemas de valores e crenças que a sustentam (Geertz, 2008), o território se constitui como espaço material e simbólico. Foi neste contexto, que busquei aprender com a trajetória de Seu Didi como os saberes sobre as plantas e ervas ali mobilizados são importantes para constituírem o do Mercado Municipal de Araguaína como território dos saberes tradicionais de cura e das plantas medicinais. O território está mediado, também, por operações de troca mercantis, que funcionam subordinadas às lógicas dos saberes de cura. Esse fenômeno ressalta a integração entre o conhecimento tradicional e as práticas econômicas do mercado, evidenciando a importância cultural desses profissionais no cenário local.

Conforme Bourdieu e Passeron (2014), a reprodução social não ocorre apenas no contexto escolar, mas em todas as estruturas sociais que perpetuam hierarquias e formas de conhecimento. No cenário do Mercado de Araguaína, a interação entre vendedores mais experientes e jovens aprendizes exemplifica como a reprodução de conhecimentos tradicionais é mediada por relações de poder simbólico, nos quais os mais velhos são reconhecidos como detentores de legitimidade e autoridade sobre o saber.

Para além disso, compreendo que a transmissão de saberes entre gerações pode ser entendida como uma forma de reprodução do capital cultural. Esse conceito descreve os conhecimentos, habilidades e valores transmitidos por meio da socialização, principalmente nas famílias e comunidades (Bourdieu; Passeron, 2014). No contexto desta pesquisa, o capital cultural se manifesta na continuidade de práticas e saberes que não apenas têm valor econômico, mas também carregam significados identitários e simbólicos.

Ademais, entendo que o reconhecimento dos conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais como formas legítimas de saber é uma luta simbólica. Para

Bourdieu e Passeron (2014), diferentes formas de conhecimento competem por reconhecimento e legitimação. Posso assim argumentar que o Mercado de Araguaína se estabelece como um espaço de resistência e preservação desses saberes frente a valorização predominante do conhecimento científico ocidental.

Assim, a relevância desta pesquisa reside no fato de se buscar registrar e valorizar as práticas tradicionais que envolvem todos esses atores, protagonistas na preservação cultural de Araguaína. Considerando também que esses sujeitos históricos frequentemente não recebem o devido valor e reconhecimento no âmbito acadêmico. A partir da trajetória de Seu Didi, do uso e comercialização de plantas medicinais, quero descrever a riqueza e a complexidade das práticas de cura tradicional, enfatizando o aspecto geracional e familiar dessa prática.

A partir da história oral e da observação participante, analisei que a narrativa do raizeiro revela tanto experiências individuais, como aspectos de dimensão coletiva e histórica, oferecendo elementos relevantes acerca da transmissão intergeracional de saberes.

Pensei cada capítulo de maneira a explorar cronologicamente as fases da vida de Seu Didi e os aspectos culturais e históricos relacionados ao seu ofício, valorizando tanto sua narrativa de vida como seus conhecimentos ancestrais sobre plantas medicinais e as práticas de cura.

3. OS RAIZEIROS E SEUS CLIENTES NO MERCADO DE ARAGUAÍNA: UMA DESCRIÇÃO DO ESPAÇO E SUJEITOS DA PESQUISA

Neste capítulo, tratarei de expor de forma sucinta as origens do Mercado Municipal de Araguaína, da relação do mercado com a história do município, das práticas dos raizeiros e da transmissão intergeracional de saberes da família Pereira, das práticas e história dos raizeiros do mercado e das raízes, ervas, cascas e óleos mais vendidos e seus diversos usos. Assim como analisarei uma série de entrevistas com a família Pereira, com outros raizeiros atuantes no Mercado e com consumidores. Por fim, vou descrever quais espécies mais comercializadas naquele espaço.

A pesquisa fundamenta-se nos princípios da história oral e, a partir do contexto do Mercado Municipal de Araguaína, busquei investigar e documentar os saberes tradicionais sobre plantas medicinais e as práticas de cura entre os raizeiros, detalhando aspectos da riqueza e da complexidade dessas práticas, enfatizando as dimensões e especificidades dos saberes tradicionais transmitidos de geração em geração. Para isso quero mostrar a perspectiva dos próprios sujeitos envolvidos nas atividades em questão.

O trabalho etnográfico se fundamenta na descrição densa, ou seja, na tentativa de interpretar ações humanas em seu contexto simbólico e cultural (Geertz, 2001). Ao adotar a história oral e a observação participante, busco nesta pesquisa me alinhar a essa perspectiva interpretativa no intuito de compreender não apenas o que os raizeiros fazem, mas o que essas ações significam para eles e para sua comunidade.

Cabe ressaltar que a observação participante se constitui como uma das principais ferramentas metodológicas da pesquisa qualitativa, especialmente em estudos que buscam compreender práticas culturais e significados atribuídos pelos sujeitos em seu contexto cotidiano. Nesse sentido, a observação participante permite ao pesquisador ver o mundo através dos olhos dos sujeitos da pesquisa, ou seja, compreender a lógica interna das práticas sociais por meio da imersão no campo (Minayo, 1994; 2013).

Anteriormente à coleta de dados, planejei sobre os instrumentos de pesquisa e a definição dos participantes. O sujeito principal foi selecionado com base nas relações que envolvem experiência e reconhecimento na prática de cura com

plantas medicinais e raízes. Os demais participantes também foram escolhidos com base em critério similar, e entre aqueles que pudessem oferecer um relato detalhado e significativo sobre as práticas tradicionais de utilização de plantas medicinais.

Para tanto, elaborei entrevistas semiestruturadas com o objetivo de registrar as narrativas dos participantes a partir de uma base comum. Estabeleci um acordo entre os participantes tendo em vista que “ligar-se conscientemente por meio de um contrato ético constitui, portanto, a condição prévia ao procedimento” (Josso, 2006, p. 375) de pesquisa. Formulei as perguntas para explorar variados aspectos da vida dos participantes, do conhecimento acerca plantas medicinais, cascas e raízes, e a maneira como esses saberes tradicionais foram assimilados e transmitidos. Observando-se para isso o uso da linguagem comum, com perguntas simples e diretas (Thompson, 1992).

O processo que realizei de aproximação e condução das entrevistas pautaram-se por um rigor ético-metodológico desde o seu estágio inicial. Antes de adentrar o campo, busquei a autorização formal da administração do Mercado Municipal, sendo recebida e autorizada pelo subgerente, que, na ocasião, encontrava-se responsável pela gestão. Esse primeiro aval institucional foi fundamental, e o próprio subgerente gentilmente me apresentou a alguns raizeiros, identificando-me como pesquisadora da UFNT, o que estabeleceu um canal inicial de confiança. Ao abordar cada raizeiro individualmente, apresentava os objetivos da pesquisa, garantia o caráter voluntário da participação e solicitava explicitamente a autorização para a gravação da entrevista e para a utilização de seus nomes reais na dissertação. Todos os entrevistados consentiram livremente com a identificação nominal, manifestando, muitos deles, o desejo de ver seus nomes e saberes reconhecidos academicamente.

Por sua vez, a análise dos dados foi conduzida à luz de referenciais teóricos que abordam especificamente o tema da cultura e território da região. Por sua vez, a análise dos dados foi conduzida à luz de referenciais teóricos que abordam especificamente o tema da cultura e território da região, tomando como base a concepção de lugar e pertencimento cultural proposta por Tuan (2015a; 2015b), a noção de cultura enquanto sistema de significados compartilhados em Geertz (1997; 2008) e as contribuições de Escobar (2005) sobre epistemologias locais e resistência ao eurocentrismo. Além disso, dialogou-se com estudos recentes sobre mercados populares e saberes tradicionais na Amazônia e no Cerrado (Bezerra,

2016; Moura *et al.*, 2020; Nery, 2021), que ajudaram a situar o Mercado Municipal de Araguaína como território de práticas culturais, econômicas e simbólicas em constante disputa e reinvenção. As entrevistas também tiveram uma característica flexível para favorecer a inserção de novos temas à medida fossem surgindo no decorrer das conversas. Nesse sentido, um aspecto central para a realização deste estudo foi o estabelecimento de um relacionamento de confiança e respeito com os participantes. Minha ideia era criar um ambiente de conforto e segurança para os entrevistados, possibilitando que eles se sentissem à vontade para compartilhar suas histórias e conhecimentos.

Esta pesquisa se baseia nas reflexões de Thompson (1992) e Josso (2006; 2007) no que concerne à história oral, entendendo-se como “história oral a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (Thompson, 2009, p. 9).

Para Josso (2006),

O procedimento de história de vida que eu pratico há uns 20 anos e que implica a produção de relatos de vida centrados na reconstrução da história da formação de alguém é uma abordagem que alterna tempos de trabalho individual e tempos de trabalho em grupo articulados a uma leitura de relatos com olhares cruzados. O dispositivo integra, portanto, a criação de ligações consigo mesmo e com os outros participantes. Esses laços visam favorecer o trabalho de reconstrução oral, depois escrita, da história de sua formação; um trabalho de análise e de interpretação da escuta e do diálogo; uma pesquisa de compreensão; uma confrontação das sensibilidades e das ideias; e finalmente das comparações entre relatos, épocas, gêneros, percursos culturais, origens sociais (Josso, 2006, p. 375).

Entendo, assim, que valorizar a memória coletiva é parte de uma tomada de posição consciente para se compreender como os saberes são transmitidos entre as gerações, e verificar como se moldam a identidade e a história de uma comunidade. Para além disso, pondero que o estudo de memórias orais no contexto dos conflitos socioambientais serve para afirmar as perspectivas dos atores envolvidos e também como denúncia das condições desiguais que estes se encontram (Ramos Júnior; Silva; Pereira, 2024).

Ao considerar a importância do lugar na construção do conhecimento, destaca-se que o enraizamento espacial é essencial para o fortalecimento das experiências vividas (Tuan, 2015a). Isso reforça a pertinência de utilizar a história oral no ambiente do Mercado Municipal, pois permite captar as dimensões simbólicas e afetivas que perpassam a transmissão intergeracional de saberes

naquele território. Desse modo, a vivência no lugar, mais do que mero cenário, constitui parte indissociável do saber tradicional.

3.1 O Mercado Municipal de Araguaína

De acordo com Bezerra (2016), o Mercado Público Municipal pode ser compreendido como um espaço social feito por diferentes atores sociais e modos de vida,

acabando por se tornar um ponto de encontro entre as diversas culturas que compõe o mosaico da cultural local, pois as feiras e os mercados públicos municipais podem ser vistos não apenas pelo seu viés econômico, mas como um epicentro cultural, pois nesses espaços diversos modos de vida são representados através dos produtos que carregam as impressões dos agentes sociais que os conceberam (Bezerra, 2016, p. 66).

Assim como as feiras livres, que são espaços de saberes tradicionais e cultura popular, o Mercado Municipal de Araguaína constitui um espaço multifuncional, que transcende o aspecto econômico ao se configurar como um centro cultural e social muito importante para a região.

Conforme Moura *et al.* (2020),

O Mercado Municipal foi fundado em 1978, está localizado na área central de Araguaína, região Norte do estado do Tocantins, o município integra a Microrregião Geográfica de Araguaína e desde sua criação se consolidou como um espaço importante na cidade, atraindo centenas de pessoas todos os dias em busca dos frutos nativos do cerrado e de áreas de transição amazônica, como buriti (*Mauritia flexuosa*), pequi (*Caryocar brasiliense*), açai (*Euterpe oleracea*), bacaba (*Oenocarpus distichus*) e outros, além de hortaliças, farinhas, cereais, tubérculos e também não menos procurado, os pratos típicos da região, com destaque para a panelada e o chambari. No município de Araguaína, e em cidades do entorno, frutos nativos são bastante populares e apreciados pela população (Moura *et al.*, 2020, p. 46).

De acordo com Bezerra (2016), os mercados públicos são mais do que pontos de comércio, podem ser considerados epicentros culturais, onde práticas sociais e modos de vida se entrelaçam. O Mercado Municipal de Araguaína ilustra essa multifuncionalidade ao combinar a comercialização de produtos com a troca de histórias e conhecimentos entre vendedores (de diversos produtos) e frequentadores. Os relatos dos raizeiros que conheci também mostram como essas interações diárias garantem a perpetuação das tradições locais e dos saberes de

cura, enquanto o mercado atua como um espaço de resistência frente às dinâmicas capitalistas contemporâneas.

Para Moura *et al.* (2020, p. 46), “o Mercado Municipal de Araguaína é caracterizado como um centro ou feira pública, com destaque para os frutos nativos que se apresentam com propriedades vitamínicas e proteicas, além da geração de renda para as famílias dos feirantes”.

Nesse território, observamos a presença de muitas rodas de conversas, trocas de experiências e a arte poética e musical do repente. Nessas rodas de conversas, histórias de vida e conselhos são compartilhados, onde o passado e o presente se encontram, e as trocas de experiências e ensinamentos práticos se materializam para além das práticas comerciais tradicionais, que incluem a venda de produtos naturais, como ervas, raízes, óleos e garrafadas. E uma extensa gama de produtos tais como: verduras, legumes, frutas, comidas regionais, doces, plantas e produtos artesanais.

A construção do Mercado Municipal representou um marco de uma série de transformações históricas, econômicas e culturais da cidade de Araguaína. O mercado de Araguaína foi fundado no

período em que o município de Araguaína ainda pertencia ao Estado de Goiás, em um contexto de grande efervescência política e de agravamentos econômicos durante o governo presidido pelos militares, representados na figura do General Geisel (1974 – 1978). Surgem então os mercados, sendo estes espaços para atividades comerciais como também para trocas culturais. (Bezerra, 2016, p. 65).

Bezerra (2016) ainda afirma que a conquista desse espaço foi marcada por uma intensa e duradoura luta de diversos feirantes da cidade, que almejavam obter o direito de comercializar seus produtos em um local apropriado e seguro.

Nesse sentido, a partir da década de 1970, a luta pelo mercado levou a conflitos inevitáveis, envolvendo os feirantes, os comerciantes locais e o próprio poder público (Moura *et al.*, 2020). Sem um espaço apropriado para a comercialização de seus produtos, os trabalhadores e trabalhadoras feirantes se estabeleciam de forma improvisada em calçadas nas proximidades dos comércios na área central da cidade. Essa prática, porém, gerava tensões com os comerciantes e lojistas considerados legalizados, que detinham maiores recursos financeiros e eram proprietários de terras, influenciando o poder público local a seu

favor. Desse embate resultou um cenário de disputa desigual, no qual os feirantes buscavam reconhecimento e condições mínimas de trabalho, enquanto os setores mais favorecidos pressionavam pela manutenção de seus privilégios.

Dessa forma, o trabalho dos feirantes não tinha reconhecimento e eles eram rejeitados, excluídos pelo discurso dominante sobre o comércio na cidade. Nesse sentido, a organização e união em torno da luta comum por direitos mínimos mostrou-se fundamental para pressionar a prefeitura a estabelecer um espaço apropriado para o trabalho de comercialização dos feirantes (Moura *et al.*, 2020).

Para além do ambiente físico, há uma convergência para a reunião da diversidade de saberes, sabores e tradições, fortalecendo os laços da comunidade local e promovendo uma rica interação entre os espaços urbano e rural.

Para Escobar (2005, p. 69), “o lugar – como experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa – continua sendo importante na vida da maioria das pessoas, talvez para todas”. Dessa forma, entendo que o Mercado Municipal é um local enraizado na vida diária da cidade, mas cuja identidade cultural se transformou continuamente ao longo do tempo.

Nesse sentido, os lugares ganham identidade quando são dotados de valor cultural, simbólico ou afetivo (Tuan, 2015b). O Mercado Municipal, para além de uma estrutura comercial, assume o papel de território de memória, no qual se sedimentam os laços sociais e a resistência cultural de diferentes gerações. Assim, sua configuração atual reflete uma história coletiva marcada por vivências, disputas e significações que transcendem o uso econômico.

A Figura 1 mostra o Mercado Municipal de Araguaína no início da década de 1980, que marcou um momento de transformação cultural e social na região. Essas mudanças se expressaram tanto na reorganização do espaço urbano, com a centralização das atividades de feirantes e raizeiros em um local específico, quanto na reconfiguração das dinâmicas sociais e econômicas, fortalecendo laços comunitários e consolidando o mercado como referência de identidade cultural. Ademais, simboliza a luta dos e das feirantes, incluindo os raizeiros, por um espaço digno para a comercialização de seus produtos. E, para além de um ambiente comercial, surge um lugar de memória e pertencimento cultural.

Figura 1: Mercado Municipal de Araguaína-TO na década de 1980



Fonte: Biblioteca IBGE (1983)

A luta dos trabalhadores e trabalhadoras, que outrora enfrentaram exclusão social, converteu-se em um marco de resistência e resiliência em prol de direitos e reconhecimento. Ela trouxe à tona questões acerca do direito ao espaço público, condições de trabalho dignas e preservação de tradições locais. Nesse sentido, entendo que valorizar práticas culturais, sociais e econômicas no entrelaçamento de sujeitos sociais históricos (produtores rurais, artesãos, comerciantes e consumidores) contribui para a construção da identidade de Araguaína, preservando a relevância das dinâmicas sociais e culturais regionais. Assim, ao reconhecer e incluir os trabalhadores considerados informais, mudanças significativas ocorreram na organização social da cidade, tais como a legitimação das feiras e mercados como espaços oficiais de comércio, a ampliação das oportunidades de geração de renda para famílias populares, o fortalecimento das redes comunitárias de apoio mútuo e a valorização dos saberes locais no cenário urbano.

A construção de um espaço para os feirantes também promoveu geração de renda para muitas famílias e garantiu a transmissão de conhecimentos tradicionais, como a utilização de plantas medicinais. Além de fortalecer a economia solidária, as trocas humanas e valorizar práticas sustentáveis e agroecológicas (Schmitt; Tygel, 2009).

Nery e Silva (2023) descrevem muito bem a atual configuração do mercado:

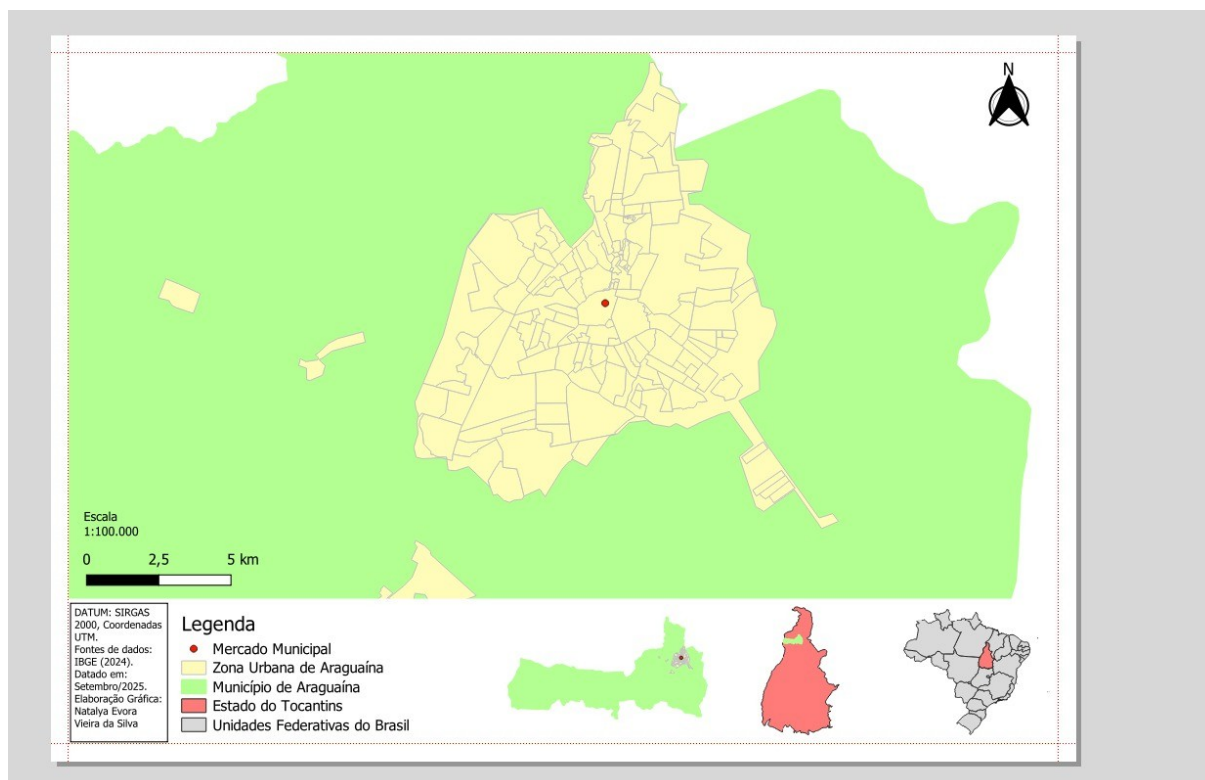
O Mercado Municipal de Araguaína/TO ocupa uma quadra com área de cerca de 9 mil m², possui grande quantidade de bancas que vendem diversos tipos de produtos. Algumas bancas mesclam suas vendas ofertando produtos de segmentos diferentes. Os alimentos predominam, há bancas em que se concentram a venda de hortaliças, queijos, verduras e frutas. Há outras bancas de restaurantes que vendem os alimentos já cozidos. Mais adiante os peixes são comercializados em bancas maiores. Há também bancas que funcionam como um shopping popular, vendendo utilidades em geral como capas de celulares, brinquedos, roupas e acessórios. Por fim, há bancas que predominam a venda de remédios naturais, tais como ervas, raízes, garrafadas, cremes, óleos, géis, entre outros. Praticamente em todas as regiões do mercado há a presença de bancas que vendem remédios naturais (Nery; Silva, 2023, p. 29).

O Mercado ajuda a configurar, assim, valores históricos, sociais, culturais e econômicos da cidade de Araguaína. Mesmo com a chegada de *shopping centers*, supermercados sofisticados e novas ferramentas tecnológicas de compras *on line*, a busca pelos produtos no mercado municipal é intensa.

Ademais, as relações no mercado são distintas das do supermercado, tendo em vista que no mercado ainda existem relações amigáveis, por exemplo, há vendas em que o feirante ainda agrada o consumidor com um algo mais, já no caso do supermercado se faltar centavos, o cliente não pode levar a mercadoria. Dessa maneira, entendo que no Mercado subsiste ainda relações de reciprocidade, configurando formas de integração econômica não hegemônica (Polanyi, 2000.)

A Figura 2 mostra uma perspectiva do Mercado Municipal em relação à zona urbana e a cidade de Araguaína, assim como o estado de Tocantins.

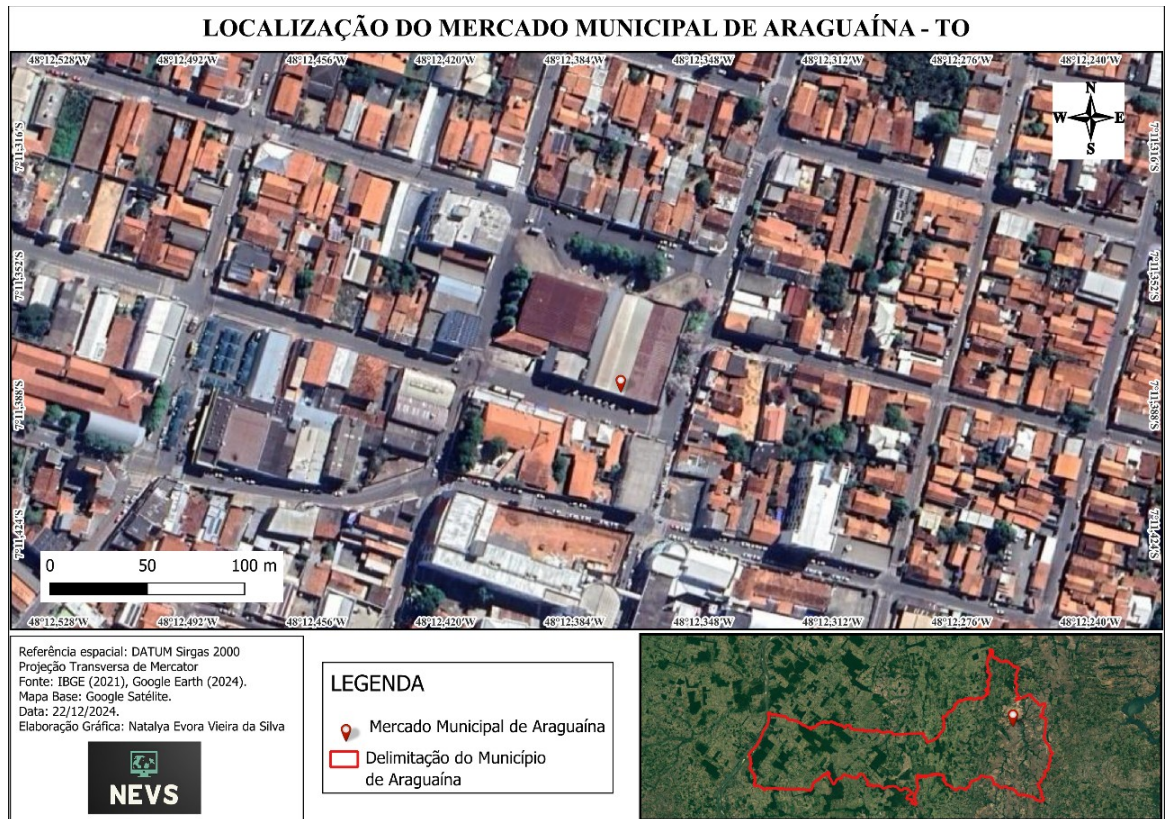
Figura 2: Mercado Municipal em relação a cidade de Araguaína



Fonte: IBGE (2025)

A Figura 3 mostra uma imagem da área com a localização do Mercado Municipal de Araguaína, um espaço que se consolida como um dos espaços centrais de centralidade populacional na cidade. Reunindo distintas tradições culturais e sociais, além de um ponto de convergência intergeracional, onde os saberes são compartilhados e transmitidos.

Figura 3: Mercado Municipal de Araguaína localização



Fonte: IBGE (2021); Google Earth (2024)

Cabe ressaltar que durante essa pesquisa, o Mercado estava e permanece em reforma. A Figura 4 ilustra a fachada do antigo Mercado Municipal de Araguaína. Evidenciando as transformações do espaço geográfico.

Figura 4: Antigo Mercado Municipal de Araguaína



Fonte: Acervo da autora (2020)

A Figura 5 mostra a fachada atual do mercado e as feiras que ocorre ao seu redor nas sextas-feiras e sábados.

Figura 5: Mercado Municipal de Araguaína fachada atual



Fonte: Acervo da autora (2024)

3.2 Os raizeiros no Mercado Municipal de Araguaína

Os raizeiros são reconhecidos por sua habilidade em manipular plantas medicinais, preparando e comercializando produtos que prometem alívio para diversas enfermidades.

Nery e Silva (2023) consideram

a saúde como um espaço imaterial que é territorializado por saberes, culturas e práticas. Esse movimento de territorialização, portanto, envolve disputas (...). É através dessa dinâmica que raizeiros se inserem (ou tentam) dentro do campo da saúde que, por sinal, já apresenta territorialidades demarcadas e sólidas, principalmente pelo saber científico. O Mercado Municipal de Araguaína/TO se insere dentro deste território pois constitui o ponto de partida e apoio dos raizeiros que lá atuam (Nery; Silva, 2023, p. 26).

De acordo com França *et al.* (2008),

A figura histórica do (..) raizeiro tem resistido ao tempo e às inovações da medicina científica, perdurando até os dias atuais e sendo muito procurados pela população para a aquisição de ervas medicinais, partes destas ou produtos já confeccionados e direcionados ao tratamento de problemas de saúde (França *et al.*, 2008, p. 203).

A presença de raizeiros e de medicamentos naturais no Mercado Municipal evidencia a relevância contínua da utilização de remédios tradicionais na comunidade local, destacando o papel central dos raizeiros na preservação e disseminação desses saberes. Nessa seção, descreverei a atuação de outros raizeiros do Mercado Municipal de Araguaína. No croqui abaixo, está a localização das bancas de raízes no espaço do mercado.

A seguir, apresento a Figura 10, elaborada com base nas observações de campo realizadas durante a pesquisa. O croqui das bancas tem como objetivo representar, de forma esquemática, a disposição espacial daquelas que são ocupadas pelos raizeiros e raizeiras no interior do mercado. A organização dos espaços evidencia não apenas a localização estratégica de cada banca, mas também permite compreender aspectos relacionados à visibilidade, ao fluxo de clientes e à interação entre os comerciantes. Com essa representação visual, busco contribuir para contextualizar os relatos apresentados, evidenciando como o espaço físico influencia e é influenciado pelas dinâmicas socioculturais que atravessam o cotidiano dos vendedores de plantas medicinais.

Figura 6: Croqui das bancas no Mercado Municipal



Fonte: Arquivo da autora (2024)

Presto aqui uma homenagem especial a Seu Valterlino, que faleceu recentemente de AVC. Durante a entrevista concedida para esta pesquisa, ele demonstrou generosidade ao compartilhar seus conhecimentos e experiências. Sua presença, serena e acolhedora, era referência para clientes que voltavam ao mercado pela confiança em sua orientação e pelo respeito que conquistava com dedicação.

Outro raizeiro com longa atuação é Francisco Nivaldo de Lima, que acumula 36 anos de experiência no comércio de medicamentos naturais. Ele relatou que grande parte dos produtos que vende vem da região do Juazeiro e que a clientela recorre a seus serviços para tratar diversas enfermidades, tais como gripes, coceiras, picadas de animais peçonhentos e inflamações no útero e estômago. A aroeira figura entre as raízes mais procuradas por seus efeitos terapêuticos. Contudo, Seu Nivaldo apontou a desunião entre os próprios colegas de profissão como um dos principais obstáculos enfrentados por eles, evidenciando a fragilidade na organização da categoria. Tal fragilidade pode ser explicada, em parte, pela ausência de associações representativas e pelo caráter individualizado das bancas, que enfraquece articulações coletivas.

A senhora Maria do Rosário Mesquita (Figura 8) trabalha há 38 anos no Mercado de Araguaína e, além dos produtos naturais, é conhecida como a rainha do tempero, devido à sua ampla variedade de condimentos. Entre os itens mais vendidos estão o azeite de coco, cavalinha, ipê-roxo, louro, cravo, alecrim, diversas garrafadas e xaropes, principalmente voltados para o alívio de gripes. O ipê-roxo e o

óleo de copaíba, especialmente este último, são altamente procurados por clientes em busca de tratamentos alternativos para doenças graves, como o câncer.

Figura 8: Raizeira Senhora Maria do Rosário



Fonte: Arquivo da autora (2024)

Com mais de três décadas de atuação, Seu Roberval é dono de uma banca que se assemelha a um empório de produtos naturais. Entre as raízes comercializadas, destacam-se a garra-do-diabo, unha-de-gato, cavalinha, algodãozinho e chapéu-de-couro. Quanto aos óleos, Seu Roberval vende os de mocotó, buriti, copaíba, mamona e pequi, sendo este último o mais procurado, especialmente para o tratamento de gripe e catarro. Suas garrafadas, preparadas com base em receitas antigas, têm funções específicas: para o estômago, utiliza ervas como barbatimão, urtiga e folha de aroeira; para as articulações, combina ingredientes com propriedades anti-inflamatórias, como garra-do-diabo e arnica.

A banca de Josivan destaca-se pelo grande movimento de clientes e pela modernização nos meios de pagamento, com uso de máquina de cartão e Pix. Ele comercializa uma ampla variedade de produtos naturais, incluindo óleos de copaíba, mamona, buriti e pequi. Nas raízes, vende barbatimão, mangabeira, pau-da-gia e pau-tenente. Josivan dá ênfase às garrafadas voltadas à saúde do útero, ao bom funcionamento do estômago e ao alívio das dores articulares.

A banca da senhora Maria José exibe uma rica variedade de ervas frescas e secas, como alecrim, indicado para acalmar a mente, e boldo, usado para questões hepáticas. Ela destaca o uso da hortelã no tratamento de náuseas. Os óleos são vendidos em pequenos frascos e, segundo Maria José, apresentam propriedades surpreendentes, como o óleo de copaíba, que ela garante: “uma gota e a inflamação começa a ceder”. Seus xaropes, preparados artesanalmente com mel e diversas ervas, são bastante procurados, especialmente o de própolis com gengibre, indicado para dor de garganta, e o de hortelã com limão, utilizado contra gripes e resfriados. Ela relata que sua banca é bastante procurada quando ocorrem mudanças climáticas, momento em que aumentam os casos de febre, gripe e inflamações na garganta.

Esposa de um raizeiro com vasta experiência, a Senhora Itelvina (Figura 9) ressaltou que seus produtos mais vendidos incluem açafraão, caninana, velame e alcanço, amplamente procurados por suas propriedades no tratamento de reumatismos e derrames. As plantas comercializadas são obtidas em chácaras pertencentes a familiares, e os preços variam de acordo com a quantidade adquirida. Apesar da dedicação à atividade, ela enfrenta desafios significativos, como a concorrência acirrada, as altas taxas de manutenção do ponto de venda, a falta de segurança no local e até mesmo as críticas de colegas que questionam a quantidade de clientes que atende.

Figura 9: Raizeira Senhora Itelvina



Fonte: Arquivo da autora (2024)

Zilda Batista da Costa, com 38 anos de atuação no trabalho com remédios naturais, também compartilhou experiências que evidenciam tanto a eficácia dos produtos que comercializa quanto os desafios enfrentados no exercício da profissão. Segundo a raizeira, a maioria dos medicamentos disponíveis em sua banca é proveniente dos estados do Pará e do Piauí, o que tem encarecido os custos e dificultado o acesso para muitos clientes. Entre os produtos mais procurados estão o óleo de copaíba e diversas raízes utilizadas no tratamento de enfermidades como AVC, obstrução de veias e labirintite. A fidelidade dos clientes, de acordo com ela, deve-se à eficácia desses recursos naturais, sendo comum que os consumidores retornem ao local para novas aquisições e recomendem os produtos a terceiros.

Contudo, Zilda também aponta que a profissão é marcada por obstáculos significativos. Destaca a ausência de união entre os colegas de trabalho, o que, segundo ela, prejudica a troca de experiências e o fortalecimento coletivo da categoria. Soma-se a isso a carência de uma gestão eficiente no Mercado Municipal, o que gera um ambiente de instabilidade e sensação de abandono por parte dos feirantes, comprometendo não apenas o exercício comercial, mas também o reconhecimento social dos saberes tradicionais por eles preservados.

O senhor Rodezio Silva (Figura 10), de 38 anos, atua há pouco tempo na comercialização de ervas medicinais no Mercado de Araguaína. Em sua entrevista, demonstrou certa distância ao relatar sua trajetória, deixando evidente que sua inserção nesse ofício ocorreu mais por necessidade do que por vocação. Com formação em nível médio, Seu Rodezio contou que passou a trabalhar com plantas medicinais por conta da pressão das circunstâncias econômicas. Atualmente, comercializa ervas como jatobá, espinheira-santa, mangabeira e, sobretudo, caatinga-de-porco, que é a mais procurada por sua clientela. Grande parte dessas ervas é oriunda da região Nordeste, o que reafirma a circulação de saberes e produtos entre diferentes lugares. Segundo ele, os clientes costumam relatar uma variedade de problemas de saúde e, com a experiência adquirida, tornou-se mais fácil identificar a erva adequada para cada tipo de queixa. Apesar do início difícil, Seu Rodezio afirma que os consumidores frequentemente retornam, o que considera um sinal de confiança e reconhecimento da eficácia dos produtos que oferece.

Figura 10: Raizeiro Seu Rodezio

Fonte: Arquivo da autora (2024)

Já Maria Luiza, outra importante figura entre os raizeiros do Mercado Municipal de Araguaína, iniciou seu aprendizado ainda na infância, influenciada pelos cuidados da mãe, que utilizava remédios caseiros para tratar enfermidades na família. Atualmente, em sua banca, Dona Maria Luiza comercializa uma variedade de ervas, óleos, como andiroba, copaíba e buriti, e xaropes caseiros preparados artesanalmente. Seu público-alvo é composto majoritariamente por pessoas em busca de alívio para problemas de gripe, febre e inflamações na garganta. Durante a pandemia de COVID-19, ela observou um aumento expressivo na procura por seus produtos, sobretudo os xaropes com propriedades antigripais.

Os itens vendidos por ela são, em sua maioria, oriundos da própria região de Araguaína, sendo que algumas plantas, como hortelã e babosa, são cultivadas em seu quintal. O critério utilizado para precificação é a quantidade do produto adquirido. Além da comercialização, Dona Maria Luiza orienta os clientes quanto ao uso adequado dos medicamentos, e relata retornos positivos, como o caso de um cliente que teve melhora significativa em sua saúde após utilizar óleo de podói associado ao de andiroba. Apesar do carinho e dedicação que demonstra pela profissão, ela reconhece as dificuldades para obtenção de insumos e destaca a

importância de manter vivas essas práticas tradicionais. Para ela, a continuidade desse saber ancestral representa um compromisso com a saúde comunitária e a memória cultural das futuras gerações.

Vale (2024) aponta que a pesquisa, quando realizada de forma colaborativa e enraizada no território, permite conhecer como os saberes são produzidos em aliança com as experiências vividas. Tal perspectiva se aproxima da atuação dos raizeiros no Mercado de Araguaína como um saber tradicional compartilhado entre raizeiros e consumidores, que compartilham conhecimentos herdados de gerações anteriores, por meio da oralidade e da prática cotidiana, em um processo contínuo de reinvenção e cuidado comunitário.

Esse movimento de deslocamento da centralidade epistemológica é fundamental para repensar o lugar do pesquisador e da pesquisa nas ciências humanas. Do mesmo modo, reconhecer os raizeiros como protagonistas do saber sobre plantas medicinais significa romper com a lógica colonial que separa o conhecimento popular da ciência acadêmica, valorizando os modos de vida e as práticas de cura que resistem nas margens dos discursos oficiais.

Embora o Mercado possa ser considerado um espaço de preservação cultural, os desafios enfrentados pelos raizeiros, como a desunião entre colegas e a falta de apoio institucional, mostram as limitações para a valorização plena desses saberes. Conforme Moura *et al.* (2020), os mercados populares enfrentam constantes ameaças de modernização que, muitas vezes, ignoram o valor cultural e social desses espaços. No entanto, a resiliência dos raizeiros em adaptar suas práticas e fortalecer os laços com a comunidade local evidencia seu potencial de transformação e continuidade.

Todos esses entrevistados possuem várias décadas de experiência. A transmissão de saberes pelas gerações anteriores, como relatado por Seu Valterlino, parece ser uma característica do ofício. Algumas dificuldades na profissão, incluem: desunião entre os raizeiros, custos elevados, insegurança e má gestão do mercado.

A comercialização de plantas medicinais contribui para a subsistência de muitas famílias e promove a continuidade de uma ciência popular que alia práticas tradicionais a uma compreensão holística do ambiente. Pelos relatos, no entanto, percebe-se a falta de um maior amparo institucional pelo Poder Público.

Os raizeiros contribuem para a perpetuação de práticas que integram aspectos culturais, sociais e ambientais. Esse cenário, que abrange as propriedades terapêuticas das plantas, as técnicas de cultivo e preparo, bem como os significados culturais e simbólicos associados a cada espécie, não pode ficar desemparrada. Nesse sentido, o papel das comunidades locais na preservação dessa herança natural e cultural torna-se fundamental.

Ademais, entendo que as práticas dos raizeiros revelam a função social da terra e da biodiversidade, conforme destacado por Saquet (2019). A produção e comercialização de ervas e raízes promovem uma relação sustentável com o meio ambiente, mantendo viva uma ciência comunitária que se opõe à lógica mercadológica hegemônica. Esses saberes tradicionais contribuem tanto para a subsistência econômica, como também para a conservação do patrimônio ambiental.

3.3 Em busca de cura: a perspectiva dos clientes dos raizeiros

O Quadro 1, a seguir, apresenta uma síntese das entrevistas realizadas com quatro consumidores, frequentadores assíduos, do Mercado Municipal de Araguaína.

Alcides Ferreria Resplandes é frequentador do Mercado há 40 anos, e prefere remédios naturais devido à sua maior eficácia em relação aos de farmácia. Afirma que os produtos sempre funcionam. A experiência de Seu Alcides reforça a confiança popular nos remédios naturais, destacando sua eficácia e acessibilidade. Sua fidelidade de quatro décadas evidencia o papel cultural e terapêutico do mercado para consumidores locais. Cícera consome alfazema há 8 meses para tontura, fazendo chá em casa. Relata melhoria significativa comparada aos medicamentos farmacêuticos, que causavam inchaço. Seu relato demonstra a busca por alternativas naturais e o impacto positivo dos produtos sobre sua saúde. Sua fidelidade a uma banca específica (Dona Zilda) ressalta a importância da confiança nas práticas tradicionais e no vínculo consumidor-vendedor. Maria de Jesus é consumidora há 4 ou 5 anos. Criada no campo, aprendeu sobre plantas com a mãe. Usa ervas como inharé e canela para tratamentos, associando os efeitos à fé. Evidencia-se a relação entre tradição familiar e práticas de cura. Sua crença na eficácia das ervas reforça o vínculo entre saberes populares e rituais, demonstrando

como esses valores se perpetuam na comunidade. Seu Valdeci da Silva conta que consome camaru há mais de 20 anos, utiliza para pneumonia, dor de cabeça e tontura. Aprendeu por conta própria e relata eficácia imediata nos tratamentos. Sua história de ilustra a eficácia percebida dos remédios naturais e a continuidade do uso ao longo das décadas. Seu caso reflete a resiliência dos saberes práticos locais e sua importância como alternativa à medicina convencional.

A partir desses relatos, é possível perceber que existe uma importante conexão entre a vida cotidiana da comunidade e o Mercado Municipal de Araguaína. Nesse sentido, entendo também que a confiança na eficácia dessas práticas curativas e na opção pelos remédios naturais associam-se à transmissão oral de saberes e aos rituais, o que ressalta a relevância de preservar e valorizar os conhecimentos ancestrais.

A prática da utilização de remédios naturais ainda é muito presente na localidade, e os raizeiros desempenham um papel essencial na manutenção e transmissão desses conhecimentos. Conforme destaca Saquet (2019), a valorização das experiências e do conhecimento popular é essencial, pois esses saberes possuem potencial para oferecer soluções a desafios do cotidiano, ao mesmo tempo em que se afirmam como uma ciência oriunda da vivência comunitária.

O conhecimento sobre as plantas medicinais está intrinsecamente ligado à geografia e à ecologia locais, sendo o cerrado uma fonte vital de saberes e práticas tradicionais (Xerente, 2011). Nesse sentido, os raizeiros do Mercado Municipal de Araguaína reconhecem na vegetação cerratense não apenas uma farmácia natural, mas também uma extensão simbólica de sua identidade territorial. Essa conexão entre ambiente, cultura e cura reforça a importância de preservar tanto o bioma quanto os saberes ancestrais que dele emanam.

Para além disso, entendo que os saberes tradicionais sobre plantas medicinais representam práticas locais que muitas vezes estão em oposição às dinâmicas capitalistas e podem contribuir para formas sustentáveis de interação com o meio ambiente. Para Escobar (2005, p. 70), “os modelos locais da natureza podem igualmente ser reinterpretados como constitutivos de uma série de práticas não-capitalistas, muitas, apesar de que não todas, ecológicas”. A seguir, apresento relatos de consumidores assíduos do Mercado Municipal.

Na figura 11, logo a seguir, temos uma amostra de plantas comercializadas no Mercado de Araguaína., com fins terapêuticos e culinários. O picão é utilizado

para infecções urinárias, diabetes, pressão alta e reumatismo. A canela é usada para controle do diabetes, no combate a inflamações, na redução da obesidade e como afrodisíaco. E o manjeriço geralmente é empregado no controle da hipertensão, contra gripe e bronquite, no tratamento de picadas de insetos e no combate à depressão e à insônia.

Figura 11: Picão, canela e manjeriço



Fonte: Arquivo da autora (2024)

O Sr. Alcides Ferreira Resplandes, de 67 anos, compartilhou, durante a nossa entrevista, que frequenta as bancas de produtos naturais há 40 anos. Ele se mostrou receptivo e explicou que acredita na eficácia das ervas e produtos naturais, considerando-os superiores aos medicamentos farmacêuticos, especialmente devido ao custo e à crença na cura por meio da fé. O Sr. Alcides relatou que, entre os

produtos que costuma adquirir, o óleo de copaíba é o mais procurado por ele, devido aos benefícios que acredita que proporciona.

Já a Sra. Maria de Jesus Oliveira, de 74 anos, explicou que começou a comprar medicamentos naturais há 5 anos, destacando sua boa eficácia. Ela mencionou que, antes disso, cultivava erva-doce e alecrim em sua casa. Criada na roça, a Sra. Maria sempre teve o hábito de consumir chás e outras ervas naturais, o que a levou a buscar, de forma contínua, as opções disponíveis nas bancas, valorizando o uso de produtos que remetem a essa tradição familiar e cultural.

A Figura 12 também mostra algumas ervas e raízes bastante comercializadas, tanto para fins curativos como alimentícios. A folha de louro, por exemplo, é usada para reumatismo, no combate a inflamações, para expectorar e melhorar a digestão. Já a erva-doce é utilizada contra cólicas, gases, má digestão, para fortalecer a imunidade e no alívio aos efeitos da menopausa. Por sua vez, o boldo é utilizado contra problemas no fígado e na vesícula, no combate à gastrite, dor de barriga e bom funcionamento do intestino. A catuaba é usada no combate à insônia, para melhoria da memória e contra a impotência sexual. A carqueja é bastante procurada para controle da hipertensão e diabetes, na redução do colesterol ruim, no combate à obesidade e para melhorar o funcionamento do fígado. O mulungu é usado para efeitos calmantes, contra a insônia e ansiedade, no alívio de cólicas menstruais e para regular a pressão alta. A cavalinha é buscada para o fortalecimento ósseo, contra infecção urinária e pressão alta e no combate à fungos e bactérias. A alfazema é utilizada contra febres, enxaquecas e aftas, para melhorar o sono e reduzir a hipertensão e a ansiedade.

A valeriana é usada contra os efeitos da tensão pré-menstrual, no alívio a cólicas e efeitos da menopausa, no combate à insônia e para controlar o estresse. Enquanto a mangabeira é buscada para um auxílio na cicatrização, no combate à obesidade, hipertensão, diabetes, reumatismo e inflamações em geral. Já a unha-de-vaca é buscada para combater problemas renais, pressão alta, retenção de líquidos, problemas do trato urinário, doenças hepáticas e diabetes. O pau-tenente é utilizado contra má digestão, prisão de ventre, úlcera, dermatite e parasitas intestinais. A hortelã é usada contra o mau hálito, náuseas e vômitos, para aliviar a tosse, como calmante e na regulação do sono. O malvarisco é usado contra inflamações respiratórias, no alívio da tosse e rouquidão, contra gripes e resfriados. O pau-da-gia é usada como expectorante para tratar gripes, resfriados, bronquites

alérgicas e infecciosas. Já a pata de boi é utilizada no tratamento de diabetes tipo 2, controlar as taxas de açúcar no sangue e auxiliar no tratamento de problemas urinários. Enquanto a capeba-verdadeira é usada para infecções do fígado, amargo, bronquite asmática, coqueluche, como desobstruente do fígado e do baço. A aguaxima é utilizada como estimulante das funções estomacais, pancreáticas, hepáticas e do baço. E a casca da ameixa é usada no tratamento de problemas inflamatórios.

Figura 12: Ervas e Raízes



Fonte: Arquivo da autora (2024)

A partir das observações em campo, também registrei as raízes, óleos e ervas mais comercializados no Mercado Municipal de Araguaína, sintetizando esses dados do Quadro 1, logo abaixo:

Quadro 1: Raízes, óleos e ervas encontrados em atividades de compra e venda

Raízes	Óleos	Ervas
Barbatimão	Copaíba	Cavalinha
Mangabeira	Buriti	Alfazema
Pau de gíja	Mamona	Lavanda
Pau-tenente	Pequi	Camomila
Garra-do-diabo	Andiroba	Catuaba
Kava-kava	Gergelim	Carqueja
Valeriana	Melaleuca	Mulungu
Mororó		Erva-doce
Pata de boi		Alecrim
Casco de vaca		Agrião
Unha-de-vaca		Boldo
Caápeba-verdadeira		Louro
Caena		Tomilho
Aguaxima		Sálvia
Caapeba		Coentro
Malvarisco		Dill
		Estragão
		Hortelã
		Manjerona
		Anis
		Baunilha
		Canela
		Noz moscada
		Cardamomo
		Cravo

Fonte: Elaboração Própria (2024)

Como evidenciado nos registros acima, existe uma grande diversidade de produtos e uma riqueza do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais na região do estudo. Cada item listado está profundamente enraizado em conhecimentos tradicionais de cura que foram transmitidos de geração em geração, podendo ser citado o barbatimão, conhecido popularmente na medicina tradicional pelas suas propriedades cicatrizantes e anti-inflamatórias, enquanto a melaleuca é valorizada por suas qualidades antissépticas e antifúngicas (Silva Pereira *et al.*, 2017; Nepomoceno e Pietrobon, 2020).

Além disso, óleos como o de copaíba são utilizados na compra e venda para tratar inflamações e problemas de pele, e a camomila é conhecida por suas propriedades calmantes e digestivas. A diversidade de produtos e práticas no Mercado de Araguaína reflete uma tradição bastante enraizada de cura tradicional e também uma interação simbólica entre ciência empírica e rituais. A partir de Escobar (2015), analiso que os saberes locais muitas vezes incorporam perspectivas

holísticas que transcendem a lógica biomédica, valorizando o contexto cultural e espiritual em que estão inseridos.

Nesse sentido, a prática da garrafada exemplifica a integração entre o conhecimento sobre propriedades medicinais das plantas e rituais de crença, mostrando que a eficácia percebida desses remédios não se limita aos seus efeitos estritamente físicos e fisiológicos, mas também ao fortalecimento da fé e do vínculo cultural entre os praticantes e suas comunidades.

Como outra amostra da riqueza de itens que são comercializados no Mercado Municipal de Araguaína, na Figura 13 temos a garrafada. Conforme De Arruda Camargo (2011), a garrafada é uma espécie de fórmula medicinal preparada a partir de distintos componentes de origem vegetal, mineral e animal, sendo complementada com elementos religiosos característicos de religiosidades brasileiras. É bastante comum entre aqueles que buscam na medicina popular, a cura de males na saúde física, mental e espiritual.

Em especial, a garrafada Água Sangra é uma espécie de composto feito a partir da casca da urucurama e utilizada no tratamento de feridas, distúrbios gástricos, reumatismo e hipertensão. A garrafada Caatinga da Serra é usada para “limpar o sangue”, além do tratamento de gripes, tosses, diarreias e febres, sendo composta pela casca do angico.

Figura 13: Garrafadas do Mercado de Araguaína



Fonte: Arquivo da autora (2024)

Todos esses elementos reforçam a riqueza e a diversidade desse espaço e dão materialidade aos saberes tradicionais. Mostrando, assim, a grande relevância cultural e econômica para a comunidade local.

É importante informar que os vendedores de produtos naturais dinamizaram as vendas trazendo para os consumidores objetos de alumínio e aço para cozinha, dentre outros produtos e temperos. As ervas *in natura* são mais encontradas aos

sábados pela manhã, como a folha do algodão, jervão e o mastruz. Os raizeiros os vendem em forma de combo, muito procurados para tratamento de pessoas acidentadas e com problemas de fraturas ósseas.

Figura 14: Detalhe de uma banca no Mercado Municipal



Fonte: Arquivo da autora (2024)

A Figura 14, logo acima, mostra uma típica banca do Mercado Municipal de Araguaína, dentre outros produtos, é possível observar a presença de diversos óleos. O óleo de andiroba é bastante procurado para o tratamento de doenças de pele, como hidratante natural para pele e cabelos, para efeito cicatrizante e na redução de dor muscular. O óleo da mamona é utilizado para alívio dos efeitos da menstruação, contra a pele ressecada e para fortalecimento capilar. Já o óleo de pequi é usado contra inflamações nas articulações e músculos, no tratamento de estrias e cicatrizes, contra infecções na pele, na hidratação do couro cabeludo e na diminuição do colesterol ruim. Por sua vez, o óleo de gergelim é procurado para cura de queimaduras e feridas, no combate à artrite, para saúde capilar, e para efeitos antioxidante e anti-inflamatório.

Por fim, considero que essas histórias, repletas de vivências e práticas tradicionais, evidenciam que o Mercado Municipal de Araguaína é um lugar de memórias, pertencimento e transmissão de saberes. Cada relato apresentado reforça a riqueza cultural e a relevância social dos raizeiros, que, ao preservarem e compartilharem seus conhecimentos, tornam-se guardiões de uma herança cultural indispensável para a identidade e a continuidade das práticas comunitárias na região.

4. DIALOGANDO COM ADRIANO PEREIRA FREITAS SOBRE MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E IDENTIDADE COMO RAIZEIRO

Neste capítulo, apresento um cenário comum em comunidades do norte do Tocantins que envolve práticas tradicionais transmitidas por gerações de raizeiros por meio do uso de plantas medicinais. A partir da experiência de vida de um raizeiro aposentado, Seu Didi, analiso aspectos da cultura e dos saberes tradicionais relacionados ao ofício de raizeiros. Nesse sentido, pretende-se contribuir com a manutenção da memória de práticas de cura com garrafadas e ervas.

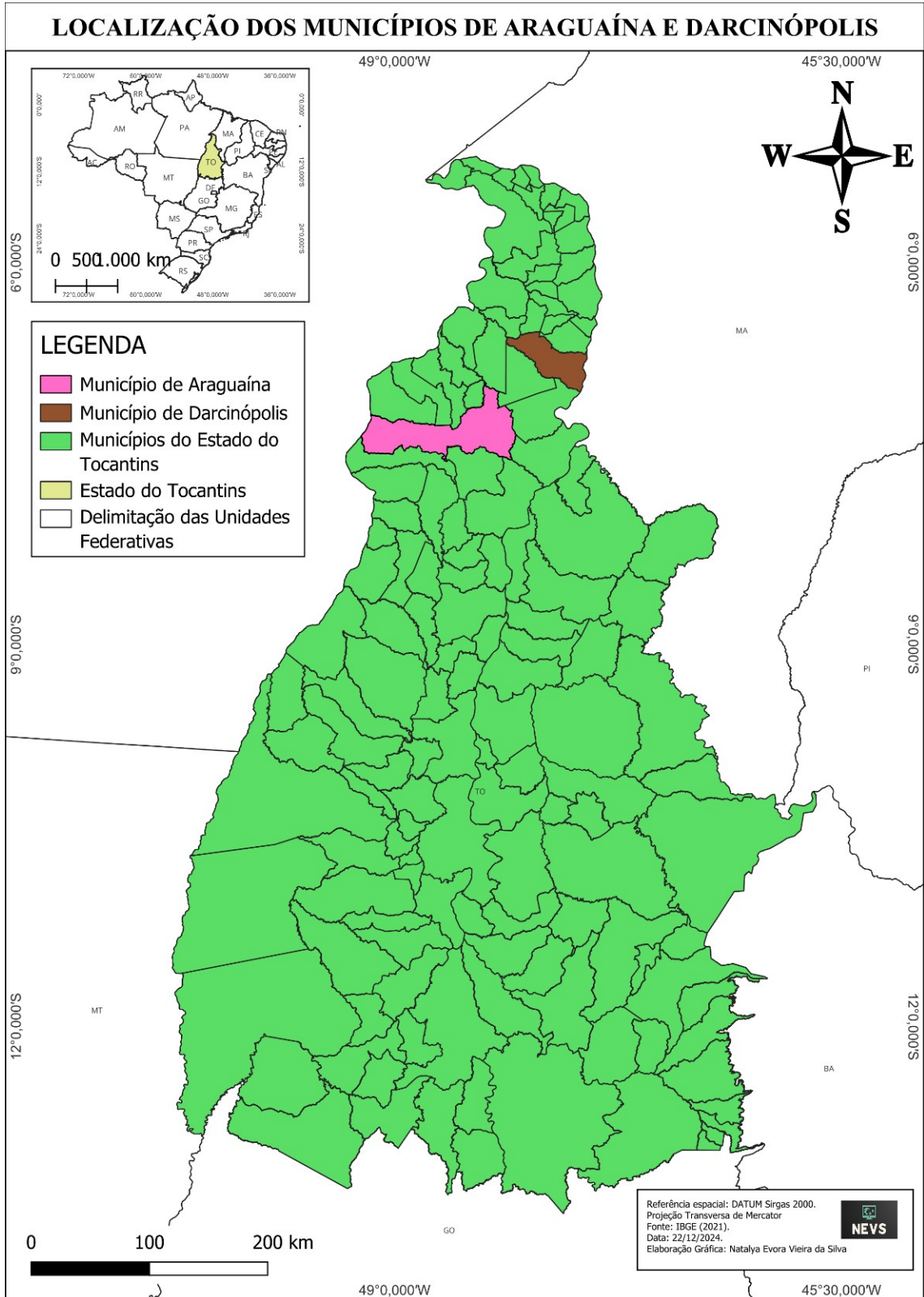
Mesmo acometido pelo Alzheimer, Seu Didi é fonte fundamental para preservação desses saberes que relacionam tanto o poder terapêutico dessas substâncias como também a dimensão espiritual e cultural da vida comunitária.

4.1 O encontro com o raizeiro: memórias, sabedoria tradicional e histórias de vida

No dia 15 de outubro de 2024, viajei para uma cidade circunvizinha a Araguaína/TO, denominada Darcinópolis, antiga Ribeira, acompanhada de minha filha Jéssica Moura e da coordenadora pedagógica Mryna Silva, minha colega de profissão. Quando cheguei, Seu Didi já estava sentado na calçada esperando nossa visita juntamente com sua esposa, Dona Joana. A esposa do raizeiro convidou-nos para sentarmos na calçada junto a eles, falou que lá era melhor, pois era mais fresco. Este local, é importante dizer, trata-se de sua residência e seu comércio. Nele, vendem-se frutas, verduras e medicamentos naturais, várias ervas, raízes e garrafadas.

A Figura 15 ilustra a localização das cidades de Araguaína e Darcinópolis no estado do Tocantins. Ao percorrer esse trajeto para entrevistar Seu Didi, compreendi que essa conexão territorial simboliza um elo de diálogo entre as duas localidades. Dessa maneira, as duas cidades preservam e compartilham elementos culturais tradicionais que perpetuam as práticas e saberes de cura. Assim, a distância física, mais de 80 km, é minimizada pela proximidade culturais.

Figura 15: Araguaína e Darcinópolis/TO



Fonte: IBGE (2021)

De início, perguntei ao senhor Didi se ele autorizava a entrevista, e ele respondeu que sim, então comecei. Nesse momento, sua filha, com uma expressão

meio desconfiada, me chamou dentro do comércio e falou que o pai estava doente e que qualquer coisa poderia chamá-la. Voltei à calçada para me juntar a eles. Achei o ambiente um pouco barulhento, mas foi o que me ofereceram. Voltei à entrevista, e perguntei se poderia gravar. Tanto Seu Didi, como sua esposa Joana, disseram que sim. A entrevista, deste modo, foi coletiva.

Dessa forma, comecei a entrevista de fato às 9h10 da manhã. Comecei perguntando seu nome completo: Adriano Pereira Freitas, conhecido como Didi. Ele mencionou ter 87 anos e contou que seus pais eram do Maranhão, da cidade de Riachão. Sua mãe se chamava Clemência Lopes de Mel, e seu pai, Luís Pereira Freitas, conhecido como Luizão. A família materna era originária do Ceará, enquanto a paterna era mesmo de Riachão, no Maranhão. Ele relatou que sua mãe faleceu recentemente e que seus pais sempre trataram bem os filhos, mas não falou sobre seus irmãos. Seu Didi contou que seu pai trabalhava na roça e que gostava de comer abóbora e raramente comia carne, apenas osso.

Ele também contou que seus pais casaram no Maranhão, em Riachão, e que todos os parentes maternos vieram do Ceará. Quando perguntei se lembrava da avó materna, ele disse que não, e não mencionou o avô materno. Sobre sua infância, disse que gostava de brincar de brincadeira de menino, falou sorrindo Seu Didi gostava assim de brincar de brigar com os outros meninos, mas procurava ser obediente aos pais. Na adolescência, por volta dos 15 anos, disse que brincava de roça e de casinha. E que procurava a avó paterna, chamada de “Mãe velha”, para que lhe ensinasse algumas coisas. A avó desejava que ele aprendesse sobre rezas e ervas, mas Didi confessou que tinha medo de almas, já que ela acendia velas em um quarto solitário onde havia uma mortalha, o que o assustava. Ele disse à avó que não queria aprender por causa desse medo.

A esposa de Seu Didi, a Sra. Joana, de 76 anos, teve 20 filhos, mas conseguiu criar apenas 12. Relataram que têm 65 anos de casados. Ela disse que é originária do Maranhão, da cidade de Presidente Dutra, da família dos Arapuá, contou que conheceu o Seu Didi em Tuntum no Maranhão, onde se casaram. Disse que era separada e, sorrindo, que o Seu. Adriano foi casado umas três vezes, explicou que quando casaram foram morar em uma fazenda doada por seu pai. Enfatizou que na sua família todos são do Maranhão, e que essa fazenda era chamada de Fazenda das Flores e ficava pertinho da cidade de Tuntum. Com os olhos cheio de lágrimas, ela disse que chegaram uns americanos na fazenda e que

tomaram as terras deles, não deram sequer um dinheiro, falou que lá as águas tomaram de conta, ficou tudo alagado. Por causa disso, vieram para a cidade de Araguaína.

Para Dona Joana, a Fazenda das Flores não era apenas um espaço físico, mas uma extensão de sua herança cultural e familiar, um símbolo de início e pertencimento. Recebida como um legado de seus pais, a fazenda representava o alicerce de sua vida, um lugar repleto de significados emocionais e espirituais. O lugar carrega um sentimento de pertencimento que transcende o material, evocando memórias, afetos e identidades profundamente enraizadas (Escobar, 2005). Compreendo que a experiência de perder essa terra devido ao alagamento e à intervenção estrangeira trouxe para Dona Joana não apenas o rompimento com um território, mas também a fragmentação de laços que conectavam sua família às suas raízes.

Embora o desenvolvimento, como destaca Escobar (2005), tenha significado para muitos o enfraquecimento do lugar e o rompimento com histórias e tradições, Dona Joana ainda guarda vividamente as lembranças de sua vida na Fazenda das Flores. Essas memórias são permeadas por sentimentos ambivalentes, de nostalgia e dor, mas também de força e resistência, pois mesmo deslocada, ela carrega consigo a história e os valores daquele lugar. A globalização, como observa o autor, pode ter apagado muitos territórios, mas não é capaz de eliminar completamente as conexões emocionais e culturais que sobrevivem na memória dos que foram forçados a partir (Escobar, 2005).

A trajetória de Seu Didi e Dona Joana exemplifica os impactos das transformações econômicas e territoriais sobre as populações rurais no Brasil. Conforme Venâncio (2019), processos como a desapropriação de terras para grandes projetos ou o alagamento de áreas devido à construção de represas deslocaram inúmeras famílias, obrigando-as a migrarem para centros urbanos em busca de novas oportunidades. Esses deslocamentos, frequentemente forçados, alteraram tanto a dinâmica socioeconômica das comunidades como também impulsionaram a adaptação e a ressignificação de práticas culturais em novos contextos.

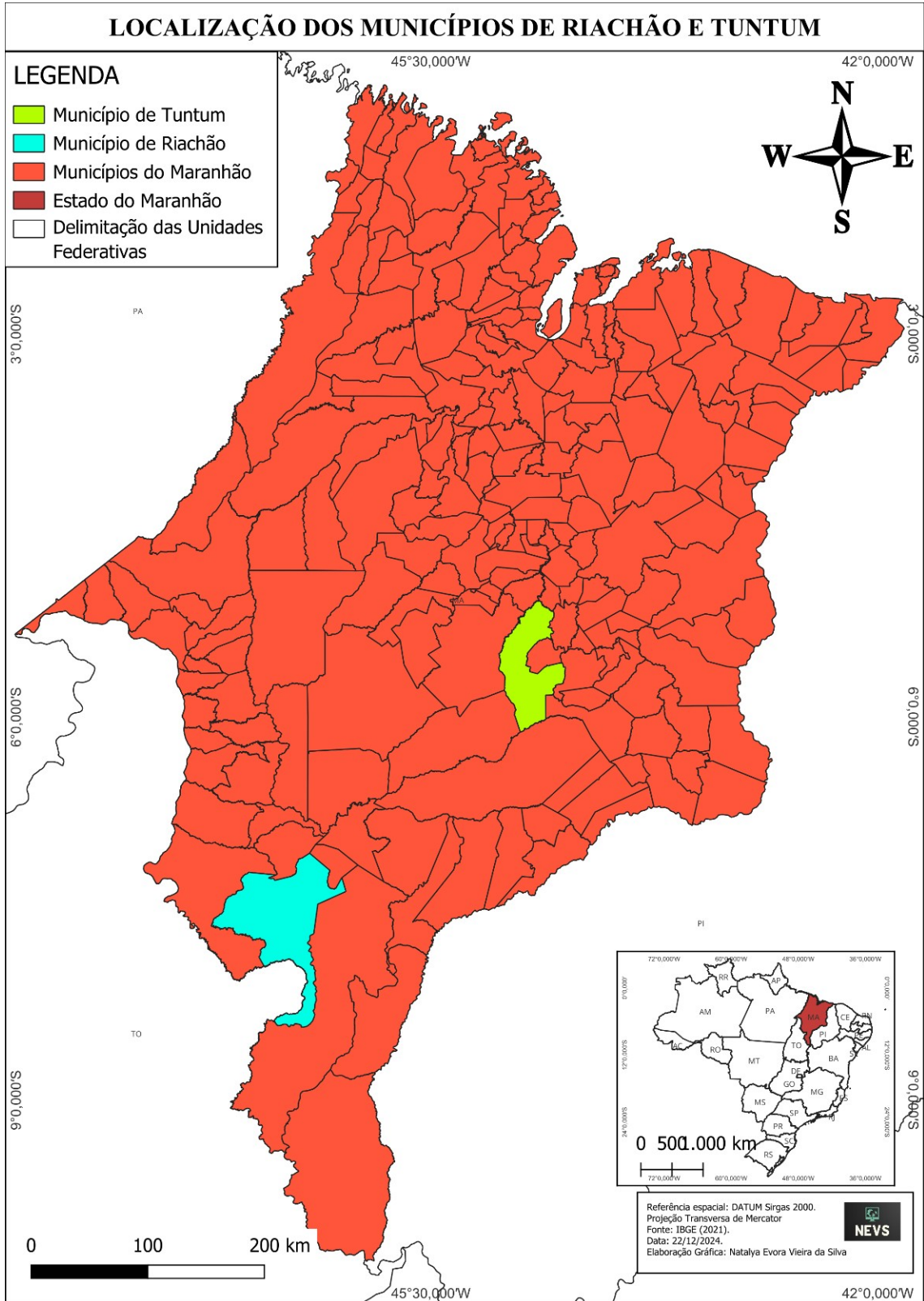
Em Araguaína, no caso da família de Seu Didi, os saberes e tradições trazidos do Maranhão, como o uso de plantas medicinais, foram incorporados à sua rotina depois que ele começou a trabalhar no Mercado Municipal, evidenciando a

resiliência das famílias migrantes na preservação de suas identidades e conhecimentos tradicionais.

Nesse sentido, a pesquisa de Oliveira (2018), que aborda a formação e os desafios enfrentados pela comunidade quilombola Dona Juscelina, situada em Muricilândia - TO, com foco na luta pela demarcação territorial e na preservação das práticas culturais e sociais, evidencia a importância da memória da migração histórica dos ancestrais na construção das resistências contemporâneas. (Oliveira, 2018). No caso de Seu Didi, as conexões entre Riachão e Tuntum revelam como as vivências em diferentes espaços geográficos contribuíram para consolidar um repertório de práticas e conhecimentos que ele trouxe consigo para Araguaína. Essas experiências ilustram como as memórias e os saberes das gerações passadas encontram renovação em novos contextos, mantendo sua relevância e significado para as novas gerações.

A Figura 16 mostra os municípios de Riachão e Tuntum no Maranhão. Entendo que é fundamental compreender as raízes culturais e familiares de Seu Didi. O vínculo entre essas localidades mostra também a relevância do processo migratório na construção de identidades e na preservação dos conhecimentos tradicionais.

Figura 16: Riachão e Tuntum/MA



Depois desta história contada por dona Joana, retomamos as conversas com o Seu Didi. Ele contou que as vendas de plantas medicinais começaram mesmo em

Araguaína, não lembrava o ano por estar com esquecimento. Falou que foi há muito tempo. Neste momento, sua esposa disse que foi aproximadamente há quarenta anos. Seu Didi ajuíza que não vendia dentro do mercado, vendia nas suas proximidades, especificamente as coisas da roça, como manga, frutas e alimentos. Falou que no mercado tinha uns pés de plantas bonitos, e com sombra, e que nunca vendeu em casa, era sempre lá.

Ademais, comentou que sua mãe curava a doença dos filhos com chás e medicamentos naturais, e disse que sua mãe não tinha leitura (não era alfabetizada). Seu Didi contou que também não tem leitura e que aprendeu a trabalhar com garrafadas, ervas e raízes sozinho, falou que pedia às pessoas para anotar em um caderno os medicamentos que dava certo. Dessa maneira, transmitia oralmente seus conhecimentos tradicionais sobre cura foi fundamental para a construção dos saberes tradicionais sobre plantas e curas.

4.2 A juventude de Seu Didi

Seu Didi nasceu na cidade de Riachão, Maranhão. Situando geográfica e historicamente a cidade de Riachão, observa-se seu primeiro registro a partir da fixação das famílias de fazendeiros. Fundou-se ali o povoado que mais tarde receberia o nome de Riachão, pois situava-se às margens de um riacho de águas cristalinas, sendo conhecido atualmente por Riachão Velho. Em 1813, iniciou-se a transladação do povoado com o título de vila para um lugar a quatro quilômetros do local primitivo onde hoje é a cidade de Riachão. Já em 19 de abril de 1833, um ato oficial do governo imperial, conferia a categoria de vila e estabelecia a freguesia de Nossa Senhora de Nazaré de Riachão, naquele ato constava a doação de uma área de terras com a configuração descrita em raio de meia légua partindo do local em que assenta atualmente a Igreja Matriz. Esse ato foi extraviado em 29 de abril de 1835 e o governo da província confirmava com a Lei nº 7 de 29 de abril de 1835 a condição de vila ao povoado de Riachão (IBGE, 2024).

Filho de Luís Pereira Freitas e Clemência Lopes de Mel, Seu Didi cresceu em um ambiente rural, onde a agricultura era o sustento da família. Os pais dele, migrantes do Ceará e do Maranhão, mantinham um modo de vida camponês, característico de muitas famílias nordestinas daquela época, marcadas por práticas

tradicionais e forte ligação com a terra. A infância de Adriano fora repleta de brincadeiras no campo, em um cenário abundante em vivências rurais.

Durante a adolescência, Seu Didi teve contato mais próximo com a sabedoria tradicional. Na roça, ele observava e aprendia com a natureza, mas foi sua avó paterna, a quem ele chamava de "mãe velha", que influenciou profundamente seu entendimento sobre as ervas, cascas e raízes. A avó, mesmo desejando transmitir-lhe seu conhecimento, encontrava resistência no neto devido a um medo latente de almas e espíritos, especialmente pelo ambiente espiritualizado que ela cultivava.

Com uns 15 anos, eu brincava de roça e de casinha. Minha avó queria que aprendesse, eu tinha um pouco de medo de alma. Mãe velha gostava de ir a um quarto sozinha, lá tinha uma mortalha como se tivesse uma pessoa morta. Daí ela acendia duas velas para chamar as almas, e eu dizia para mãe velha que não queria aprender, repetia que tinha medo de alma. (Adriano Pereira Freitas, entrevista, 15 de outubro de 2024).

A partir da trajetória de seu Didi, bem da forma como seu filho e neto seguiram seus passos, pode-se assinalar que a aprendizagem do ofício de raizeiro reflete um procedimento comunitário e um ambiente familiar. Esses conhecimentos e práticas perpassam gerações familiares:

Minha mãe curava a doença dos filhos com chás e medicamentos naturais, ela não tinha leitura alguma. Também não tenho leitura, aprendi a trabalhar com garrafadas, ervas e raiz sozinho. Eu pedia as pessoas para anotar em um caderno os medicamentos que dava certo, repetia muitas vezes até que aprendi. Minha avó paterna Maria, era chamada de mãe velha, era uma mulher que pelejava para trabalhar do jeito dela, se agradava do neto, dizia que eu era o neto mais esperto. Eu era o neto que ela mais apreciava. Eu era terrível, fazia coisas que gente grande não fazia, roubava abóbora para vender e comprar peteca, minha avó me batia, como forma de correção. (Adriano Pereira Freitas, entrevista, 15 de outubro de 2024).

Ademais, pode-se inferir que a família desempenha um papel fundamental na transmissão dos conhecimentos tradicionais. A história de vida de Seu Didi revela como os saberes sobre cura e plantas medicinais foram transmitidos de geração em geração, fortalecendo os laços tanto familiares como comunitários. Ele relata também: "eu mesmo era quem produzia, não tinha dia e nem horário. A garrafada saúde do útero, gosto de falar, pois vendia até nas farmácias. É a que mais vende. Outra que vende, é a de derrame. Não existe contraindicação para esses remédios, é só tomar três vezes ao dia, uma tampinha" (Adriano Pereira Freitas, entrevista, 15 de outubro de 2024).

Carvalho (2022), que pesquisou práticas e saberes que envolvem reza e plantas medicinais a partir da análise de vida de duas benzedeiros, assinala que o saber de cura é considerado um dom pelas benzedeiros. A autora retrata que “a aprendizagem deste saber pode ocorrer de duas formas, a geracional, que é passada através da oralidade de geração em geração e a mística, que é transmitida por guias espirituais” (Carvalho, 2022, p. 92). Nesse sentido, esse período formativo foi importante para que Seu Didi, ainda que sem se dar conta, começasse a tornar seu o saber que mais tarde moldaria seu ofício como raizeiro.

4.3 O casamento e a mudança para Araguaína

Seu Didi casou-se com Joana, da família dos Arapuá, originária de Presidente Dutra, no Maranhão. Ela havia se separado de um casamento anterior e, juntos, construíram uma grande família, com vinte filhos, dos quais doze sobreviveram. A trajetória conjugal do casal é marcada pela busca por melhores condições de vida. Viveram um período em uma fazenda chamada Fazenda das Flores, próxima a Tuntum, no Maranhão. A Figura 17 representa o casal, o registro foi realizado durante a pesquisa de campo descrita até aqui. Enfatizo o papel da esposa de Seu Didicomo alicerce familiar e para que o raizeiro pudesse exercer sua prática.

Como dito antes, o casal enfrentou uma reviravolta e a fazenda em que viviam foi tomada por estrangeiros, o que os forçou a migrar para Araguaína. De acordo com Venâncio (2019),

A criação do estado do Tocantins, em 1988, deu continuidade aos processos migratórios para sua região norte. A migração maciça começou no decênio de 1960 e se intensificou nos anos 1970, quando se finalizava a pavimentação da BR-153. Cidades como Araguaína, que foi margeada por essa rodovia federal, tiveram um *boom* populacional nos anos seguintes; aumento de 90% na década de 1970 (Venâncio, 2019, p. 17).

Essa mudança representa um marco na trajetória de Seu Didi e Joana, pois foi em Araguaína que ele consolidou sua identidade como raizeiro. A experiência no mercado local permitiu-lhe ampliar suas práticas de comércio de raízes, cascas e ervas, fortalecendo sua relação com a comunidade e seu papel como conhecedor das plantas medicinais.

Figura 17: Raizeiro Seu Didi e sua esposa Joana



Fonte: Arquivo da autora (15/10/2024)

A cidade de Araguaína é um destino de transformação para a trajetória pessoal e profissional de Seu Didi. Cabe ressaltar que, nos idos de 1960, Araguaína se torna conhecida como uma das principais cidades da região norte. Com o processo intenso de urbanização, sua história se inaugura anteriormente à construção da rodovia Belém-Brasília. À época, Araguaína era um ponto estratégico para descanso e abastecimento para muitos viajantes (Venâncio, 2019).

Conforme Ferreira dos Santos (2024), em meados do século XIX, houve um grande número de recém-chegados do nordeste nesta região, sobretudo devido às inquietações e expulsões de seus territórios ancestrais e momentos de conflitos históricos, como a Balaiada (1838 - 1841), além de eventos naturais, como as grandes secas entre 1877 – 1878.

Essa população foi chegando à região através dos caminhos abertos pela expansão da pecuária nordestina e pelo incremento do comércio por meio da navegação do rio Tocantins. Entre o século XIX até meados do século XX, grandes caravanas saíram do Piauí e Ceará em busca de melhores condições de vida. Para uma compreensão mais ampla desses movimentos populacionais também é relevante ressaltar o início do chamado ciclo da borracha, extrativismo do Caucho

(*Castilloa ulei*) e, posteriormente, no século XX, a expansão do babaçu e produção de fumo.

Ainda segundo Ferreira dos Santos (2024):

No século XX, a disputa pela terra e a expansão das fazendas de criação de gado são impulsionadas a partir da abertura da BR-153, que teve início em 1958. Pelo menos até a construção da rodovia, esses migrantes vinham do Nordeste, mas, depois da construção dela, movimentos migratórios relevantes das regiões do Sul de Goiás, Minas e São Paulo. Essa nova frente de migração não diminuiu as que vinham do Nordeste (Ferreira dos Santos, 2024, p. 73).

Para Venâncio (2019), o crescimento populacional na década de 1980 não teve impacto semelhante ao anterior. Nesse sentido, o desenvolvimento posterior tem relação com a intensificação do debate acerca da separação do estado. Por sua vez, Araguaína, que já atraía grandes levas populacionais interessadas na terra, intensificou seu fluxo migratório devido à grande publicidade em torno da constituição de um novo estado, repleto de boas oportunidades. Pode-se dizer que a criação do estado do Tocantins, em 1988, assim como a construção de uma capital, marcou a década.

Esse contexto histórico reforça como os fluxos migratórios e as transformações econômicas moldaram a configuração cultural e social da região. Dessa forma, os movimentos populacionais trazem consigo tanto a busca por oportunidades, como também a circulação de saberes, práticas e tradições.

Em Araguaína, a confluência de migrantes do Nordeste e de outras regiões do país contribuiu para a construção de um mosaico cultural único, onde práticas como o uso de plantas medicinais e os saberes dos raizeiros foram incorporados e adaptados. Compreendo que tais tradições, além de oferecerem alternativas terapêuticas, tornaram-se parte essencial da identidade cultural da região, simbolizando resistência e resiliência frente as pressões da modernidade.

A figura 18 mostra a configuração atual do estado de Tocantins, e também contextualiza a relevância histórica e geográfica da cidade de Araguaína, como polo econômico e cultural. Ademais, a representação reflete as transformações regionais que influenciaram a trajetória de vida de inúmeros migrantes, como Seu Didi e Dona Joana.

Figura 18: Configuração atual de Tocantins



Fonte: <https://www.google.com/maps>

Por seu turno, neste cenário, a BR-153 teve papel facilitador no acesso à região norte do antigo Goiás, valorizando, assim, as terras cortadas por esta rodovia. E as grandes fazendas expulsaram os pequenos agricultores, forçando-os a migrarem para outras regiões, consequência direta da expropriação de terras (Ferreira dos Santos, 2024).

4.4 A formação de um raizeiro

A prática de Seu Didi como raizeiro começou de maneira não tradicional. Sua mãe e sua avó, que não eram alfabetizadas, transmitiram-lhe alguns conhecimentos básicos sobre plantas medicinais, utilizados principalmente para tratar doenças comuns entre os filhos. Assim, mesmo sem formalização educacional ou científica, Seu Didi desenvolveu seu conhecimento através da prática cotidiana e da

observação. Ele aprendeu a registrar em um caderno as receitas que davam resultado, criando, para além da oralidade, uma base escrita de seu saber.

Nesse aspecto, Seu Didi carrega consigo a prática de longos anos de experiência, em que cada raiz, folha ou casca, tinha seu valor testado e aprovado na prática diária. Ele menciona com orgulho como buscava plantas específicas para encontrar os ingredientes certos para suas garrafadas. Seu Didi foi compreendendo o ciclo de cada planta, conforme as estações do ano. Foi observando e respeitando os tempos da natureza, para colher no momento certo. Buscando, assim, decodificar os mistérios da natureza através do conhecimento sobre as plantas e ervas.

Uma visão mecanicista do mercado enquanto local de troca (Polanyi, 2000) ignora a complexidade das interações humanas, especialmente em espaços como os mercados como o Municipal de Araguaína/TO, onde Seu Didi atuou por vários anos. Ali as transações econômicas com as plantas medicinais vão além do mero ato comercial, refletindo, não poucas vezes, uma economia de reciprocidade e de transmissão de saberes intergeracionais que desafia a lógica puramente mercantil.

As práticas curativas, permeadas pelos rituais e o conhecimento das plantas e raízes, revelam uma sabedoria que transcende o simples uso cotidiano das ervas. Interessante assinalar a dualidade entre o sagrado e o saber tradicional, por muitos considerado como profano, evidenciando a intersecção entre os conhecimentos ancestrais e os ritos de fé.

Para Ferreira dos Santos (2024),

Os saberes, esses que nos forjam, vivem por várias gerações atravessados pela oralidade e práticas cotidianas. Ancestralidade é viver, é sentir, é se encontrar, permitir-se, reconhecer-se no espaço onde outrora nossos Mais Velhos viveram, reconhecendo e valorizando seus saberes. Saberes que trazem nas experiências da vida, e nos permite compreender a nossa existência (Ferreira dos Santos, 2024, p. 21).

Nesse sentido, evidencia-se o uso de raízes e ervas em práticas curativas tradicionais, além de elementos da ritualidade. No relato, Seu Didi disse que não faz mais essas coisas, pois agora é evangélico e não pode mais fazer. Mas revela seu conhecimento profundo:

Hoje se eu quiser fazer alguma coisa eu faço tudo no nome de Deus! Jesus salva, cura e batiza com o Espírito Santo. É preciso escutar bem! Agora trabalho para Deus! Larguei de fazer muitas coisas. Uma coisa que jamais esqueci é o trabalho dos homens, coisa difícil! Quando os clientes se davam

bem já falavam para outras pessoas, e assim fiz meu nome. Algo na cabeça que jamais esquecia, que eram as plantas e raízes, tinha algumas que ia buscar do outro lado do rio, como exemplo, a batata de purga para fazer remédio. (Adriano Pereira Freitas, entrevista, 15 de outubro de 2024).

Em outro momento, Seu Didi conta que: “se você quiser aprender te digo, ninguém sabe o que sei e eu quero lhe ensinar, fiz o cavalo aparecer, mas sempre dizia que tinha medo de alma, lembrava que quando os cavalos apareciam chegavam queimados de cerca de arame” (Adriano Pereira Freitas, entrevista, 15 de outubro de 2024).

Práticas não mercantis também eram comum:

Fazia muito favor, dava remédio de graça para as pessoas que não podiam comprar, as vendas não funcionavam de uma vez, primeiro fazia a prova dos remédios, arrumava umas pessoas para a prova, se elas fossem boas, pedia as pessoas para anotar no caderno e assim a prova era essa depois eu só repetia, tinha a prova de cada raiz e de cada garrafada. Os preços a gente que colocava. (Adriano Pereira Freitas, entrevista, 15 de outubro de 2024).

Nesse aspecto, o estudo de Carvalho (2022) aponta a manutenção dos saberes tradicionais, presentes nas práticas de cura com plantas medicinais, como uma forma de resistência cultural e da preservação dessas práticas fora da lógica estritamente capitalista. Assim como as benzedeadas entrevistadas pela autora, Seu Didi usa seu conhecimento para a cura, colocando certo controle no processo de mercantilização desse saber.

A trajetória de Seu Didi é um exemplo de transmissão oral e aprendizagem prática. Além de memorizar os usos das plantas, ele também registrava as receitas que funcionavam, utilizando métodos de anotação. Sua prática era orientada tanto pelo sucesso das receitas quanto pela forma como era recebida pela comunidade. Em suas próprias palavras, ele conta que foi aprimorando suas habilidades a partir dos resultados observados nas pessoas que tratava, consolidando seu conhecimento de modo autônomo e intuitivo.

Ele relata também: “eu mesmo era quem produzia, não tinha dia e nem horário. A garrafada saúde do útero, gosto de falar, pois vendia até nas farmácias. É a que mais vende. Outra que vende, é a de derrame. Não existe contraindicação para esses remédios, é só tomar três vezes ao dia, uma tampinha” (Adriano Pereira Freitas, entrevista, 15 de outubro de 2024).

Por sua vez, a atuação de Seu Didi no mercado de Araguaína não se limitou a uma simples relação comercial. Ele também incorporava elementos de ritualidade em suas práticas de cura. Ainda que hoje declare ser um homem de fé cristã, Seu Didi mantém uma conexão com a tradição espiritual associada às plantas medicinais, mencionando que cada tratamento exige não apenas técnica, mas também uma forte crença na eficácia das ervas. Essa complementaridade entre fé religiosa e conhecimento ancestral marca a complexidade da prática de raizeiro, onde o ato de curar se torna uma expressão de identidade cultural.

Os relatos dos raizeiros, associados aos dos consumidores, apontam para uma relação simbiótica entre rituais e práticas de cura. Esse aspecto, conforme descrito por Escobar (2005), destaca a importância do enraizamento cultural nos processos de cura e no uso das plantas medicinais como ferramenta terapêutica e espiritual. Para o raizeiro, naquela época os remédios do mato sempre eram associados à prova:

Mas tem que ter fé, não só fé. A fé não é prova, mas precisa provas pois é necessário dar certo o tratamento. As raízes têm às vezes época de tirar, é diferente de folhas, todas são coisas boas de usar, um exemplo, é a folha da graviola, é boa para os rins, para urina. A fruta da graviola faz efeito. Eu mesmo fui curado de uma cirurgia e foi aprovado. O ritual das garrafadas é tomar na hora certa, e quando achar melhor, está tudo anotado nas garrafas. (Adriano Pereira Freitas, entrevista, 15 de outubro de 2024).

De acordo com Venâncio (2019, p. 160) é comum que “remédios tradicionais e/ou de plantas são recomendados para ser usados com rezas”. Nesse sentido, “o caráter curativo dos rituais nos salões vai além do que ocorre na Mina de Cura. É recorrente encontrar médiuns, dirigentes e consulentes pedindo, durante o trabalho, que determinada entidade ajude em algum mal-estar físico seu ou de algum familiar” (Venâncio, 2019, p. 233). Seu Didi representa uma continuidade dos saberes tradicionais que atravessam gerações, adaptando-se às mudanças. Ele reforça a importância da cultura popular, dos laços familiares e da ritualidade como pilares de sua prática.

Conforme assinala Carvalho (2022),

As práticas de benzimento têm resistido a tentativas de apagamento desse saber, se adaptando a novas configurações sociais e culturais. Atualmente encontramos muitas mulheres que r-existem na manutenção desse saber que, mesmo após séculos do fim da Inquisição, continuam sendo perseguidos e desvalorizados. Muitas delas ainda sofrem preconceito por

exercerem estas práticas, sendo acusadas de charlatanismo, bruxaria entre outras coisas. Em muitos lugares ainda sobrevivem aos olhares julgadores, principalmente, onde só o conhecimento médico, científico, tem credibilidade (Carvalho, 2022, p. 31).

Desse modo, a vida desse raizeiro nos oferece um exemplo singular de resiliência e preservação dos conhecimentos tradicionais. A juventude marcada pelo aprendizado empírico, o casamento e a formação como raizeiro mostram como esses saberes são transmitidos e perpetuados. A trajetória de Seu Didi evidencia que, embora a transmissão desses conhecimentos seja desvinculada de registros acadêmicos, sua importância cultural e social é fundamental para a comunidade de Araguaína e para a preservação da identidade regional.

4.5 Os “herdeiros”: a continuidade da prática através das gerações familiares

Seu Didi, em cerca de 40 anos de atuação no ramo e iniciou suas vendas nas proximidades do mercado, oferecendo inicialmente distintos produtos agrícolas antes de se especializar em raízes e ervas medicinais. Ele relatou que:

Vendia no pé dos muros do mercado, vendia coisas da roça, como manga, frutas e alimentos. Só depois que comecei a vender raízes, óleos e medicamentos naturais e de lá para cá não parei mais. O mercado tinha uns pés de plantas bonitos e com sombra, para conseguir uma banca dentro do mercado era muito difícil. Nunca vendi em casa, somente nos arredores do mercado, somente depois com muito tempo é que consegui uma banca. Hoje meu filho e meu neto herdou a mesma profissão e já tem uma banca no mercado. (Adriano Pereira Freitas, entrevista de Historia Oral, 15 de outubro de 2024).

A fala do raizeiro revela o vínculo com as práticas comerciais e culturais da cidade, em que o mercado se configura como um espaço de trocas não apenas econômicas, mas também culturais e simbólicas. A transição de vender alimentos comuns para raízes, óleos e medicamentos naturais é emblemática no fortalecimento da tradição local, o que se reflete em sua trajetória de resistência e adaptação.

O fato de o raizeiro ser sucedido, primeiro, pelo filho e, depois, pelo neto na profissão e na gestão da banca de raízes também aponta para a continuidade da cultura familiar e a transmissão de saberes tradicionais, o que Bourdieu e Passeron (2014) caracterizam como um "capital cultural" transmitido através das gerações.

Esse movimento de perpetuação e adaptação dos saberes de cura e das práticas comerciais dentro de um espaço público de circulação de bens e saberes também remete à importância do mercado como um microcosmo da sociedade, onde o indivíduo, a família e a cultura se encontram e se reconfiguram continuamente (Bourdieu; Passeron, 2014).

O segundo entrevistado é Josivan, 49 anos, filho de Seu Didi. Sua especialidade é o trabalho com óleos, como o de copaíba e buriti, além de raízes como barbatimão e pau-tenente. A entrevista foi realizada no Mercado Municipal de Araguaína, na banca que possui. Josivan destaca que a venda dos produtos está associada à promessa de se levar à cura para diversas doenças, como enxaquecas, cólicas menstruais, cálculo renal, dores estomacais, dentre outras.

A Figura 19, mostra Josivan e eu, ao lado de sua banca no Mercado Municipal. Ele representa a continuidade no ofício de raizeiro entre gerações, contribuindo na preservação de conhecimentos tradicionais sob guarda de sua família.

Figura 19: Raizeiro Josivan



Fonte: Arquivo da autora (2024)

Além disso, ele afirma que os maiores destaques se concentram na procura de óleos, raízes e garrafadas. Os clientes mais fiéis são pessoas acima de 40 anos, de todas as classes sociais. Dentre os óleos que mais vende, encontram-se o de copaíba, buriti, mamona e pequi. Já as raízes são barbatimão, mangabeira, pau da gíria e pau-tenente. Quanto às garrafadas, ele deu ênfase às seguintes: aqueles que servem para a saúde do útero, do estômago e das articulações.

Perguntado sobre de onde vem o conhecimento sob guarda da família, Josivan disse que o pai aprendeu com os avós:

O óleo da andiroba (copaíba) é extraído da própria madeira e esse óleo da copaíba tem um período certo do ano para extrair. Geralmente no verão. Esse óleo tem o ritual com as fases da lua, só pode extrair durante a lua cheia. Ao se olhar para a lua não consegue extrair em certa quantidade esse óleo. Os óleos são bem vendidos e por isso se torna difícil extrair, o que acaba encarecendo o produto. Os meus consumidores são de várias religiões, eles compram assim mesmo. Meu pai utilizava o livro de São Cipriano, para as consultas das adivinhações e venda dos produtos. O livro tinha uma capa preta e sempre tive vontade de ver o que constava nesse livro, mas na época meu pai me disse que não poderia me ensinar. (Josivan Pereira filho, entrevista de História Oral, 28 de junho de 2024).

Ressalto que o Maranhão, terra de origem de Seu Didi, é um estado rico em heranças afro-religiosas, como o tambor de mina e o terecô (Pereira, 2021).

A família de Seu Didi é fortemente influenciada pela religiosidade popular de matriz afro-brasileira. Josivan relata que:

Alguns rituais aprendi com meu pai, para a utilizar da maneira correta as raízes, banhas e óleos. Cada ritual tem um propósito diferente. A banha da cascavel é para dor no corpo. O óleo de buriti para picada de cobra. A arruda e a comigo-ninguém-pode servem como ervas de limpeza. Organizar um altar com velas e esses elementos afasta as energias negativas. A folha de louro é para a proteção. Papai diz assim: pegue as folhas de louro e coloque secas no recipiente, queime e deixe queimar para fazer fumaça, depois vá em todos os cômodos da casa para defumar e mentalize as coisas positivas, isso faz a limpeza do local e traz proteção. Para fazer esses rituais precisa fé, concentração, e confiar no poder da natureza para guiar os caminhos. Tudo isso traz força e cura. (Josivan Pereira filho, entrevista de História Oral, 28 de junho de 2024).

Essa dimensão de ritualidade associada ao uso de plantas e ao conhecimento das medicinais, relatada pelo raizeiro, evidencia uma integração entre matrizes africanas e indígenas.

O terceiro entrevistado é Luciano, 17 anos, neto de Seu Didi e filho de Josivan, representante da nova geração de raizeiros. Ele simboliza a continuação do

legado, evidenciando a importância das tradições familiares nesse contexto. Luciano Neto contou que tem

grande apreço e admiração pelo meu pai e, principalmente, pelo meu avô. Tudo o que eu sei sobre as ervas, garrafadas, óleos e raízes aprendi com eles. Dá para ganhar dinheiro nesta profissão. Também curso Ensino Médio, quero ter a profissão de advogado, mas não quero deixar a profissão herdada pelo meu pai e pelo meu avô. Pretendo fundar uma associação de raizeiros para manter a união entre eles, sinto que somos desvalorizados nesta profissão. (Luciano Pereira Neto, entrevista de Historia Oral, 27 de agosto de 2024).

A possibilidade de criar uma associação de raizeiros, mencionada por Luciano Neto, aponta para novas formas de organização e resistência, permitindo que essas práticas se adaptem aos desafios contemporâneos. É significativo que esse projeto venha justamente do herdeiro que, mesmo cursando Direito, assume o compromisso de suceder o pai e o avô na profissão. Esse fato evidencia a força do legado familiar. Nesse sentido, a relevância social de uma associação ultrapassa a mera formalização: ela se configura como uma ferramenta importante de empoderamento coletivo, capaz de fomentar a união entre os raizeiros, fortalecendo a negociação com o poder público. Como podemos ver a seguir, essas práticas foram passadas entre as gerações da família Pereira e transformadas com o tempo. Seu Didi comenta que

via minha mãe utilizando as ervas para curar as doenças dos filhos com chás, óleos e raízes. Peguei gosto. Minha mãe não tinha leitura. Também não tenho leitura. Aprendi a trabalhar com garrafadas, ervas e raízes sozinho, pedia as pessoas para anotar em um caderno os medicamentos até aprender. Meu nome se fez no mercado em Araguaína e em outros municípios vizinhos. Deixei todos os meus conhecimentos para meus filhos e netos. Hoje eles sobrevivem da venda desses mesmos medicamentos. (Adriano Pereira Freitas, entrevista de Historia Oral, 15 de outubro de 2024).

Indaguei a Josivan se ele contraindicava algum produto, ele relatou o seguinte:

Sim, a banha da cascavel só pode ser utilizada à noite após o último banho, pois se não utilizar de forma correta pode levar a atrofiação dos membros. Essa banha serve para dores nas articulações e dores em todo o corpo. O óleo do buriti é utilizado para picada de cobras e é considerado um contraveneno, após a picada, quando inserido de imediato o óleo do buriti, o veneno sai por onde ocorreu a picada. Todo mundo sabe, desde o período antes de Cristo, que o período menstrual das mulheres era considerado impuro e neste período as mulheres sentem bastante desconforto com

cólicas. Tudo isso tem a indicação correta. (Josivan Pereira filho, entrevista de Historia Oral, 28 de junho de 2024).

E complementou assim:

Existe a garrafada da saúde do útero, uma das mais vendidas pelo meu pai, continua vendendo muito. É um composto das ervas sangra d'água e cansação branco, para as mulheres que tem problema nesse período. Muitas folhas são vendidas *in natura* e as pessoas procuram para utilizar para fazer sumos para ferimentos. Já as raízes são secas e tem maior procura para fazer banhos e garrafadas. A profissão do raizeiro é chamada também de curandeiro pela sociedade. (Josivan Pereira filho, entrevista de Historia Oral, 28 de junho de 2024).

Luciano Neto mencionou que, desde criança, acompanhava o pai nas vendas, aprendendo a comercializar várias raízes, e declarou que a maioria dos produtos que tem em sua banca vem do Cerrado. Informou que os clientes procuram principalmente por xaropes e que os preços dos produtos dependem da fabricação das mercadorias. Segundo ele, as vendas são influenciadas pelas indicações de uso e horário de ingestão dos medicamentos naturais, informou ainda que muitas pessoas mal-intencionadas o procuram para indicar medicamentos para “fazer o mal”.

Ele disse que renega tais práticas, pois trabalha em prol de “fazer o bem”. Luciano também destacou os desafios enfrentados, as dificuldades com as taxas de aluguel do ponto de venda e a falta de segurança pública, pois alega que o Mercado Municipal também é um local para diversos moradores em situação de rua.

A Figura 20 mostra a terceira geração da família de Seu Didi a seguir no ofício de raizeiro. Nesse sentido, simboliza tanto a renovação do legado familiar como a perspectiva de inovação para o futuro. Evidencia também os desafios da juventude em lidar com a continuidade da tradição e suas aspirações pessoais.

A trajetória dos raizeiros da família Pereira evidencia a transmissão de saberes tradicionais e a adaptação às exigências da profissão ao longo das gerações. Seu Didi, pioneiro nesse ofício, atravessou décadas e formou seus descendentes no mesmo ofício. Josivan, ao incorporar novos produtos e técnicas, como o trabalho com óleos medicinais, ilustra o dinamismo dessa prática. E Luciano Neto simboliza a continuidade e a renovação desse legado, mesclando o respeito às tradições com ideias de seu tempo. Sua visão amplia as possibilidades de

fortalecimento da profissão de raizeiro, ao mesmo tempo em que evidencia os desafios enfrentados, como a desvalorização e a falta de apoio institucional.

A pesquisa conduzida por Tresvenzol *et al.* (2006) reforça essa transmissão familiar, tendo em vista que “os raizeiros afirmaram que os conhecimentos sobre as plantas medicinais foram adquiridos pela vivência com parentes (pais, avós) que as empregavam em uso próprio ou para curar outras pessoas, sendo que alguns admitiram fazer a consulta a livros sobre o assunto” (Tresvenzol *et al.*, 2006, p. 24). No caso da família estudada, além do livro, temos a referência a avó paterna de Seu Didi, de quem ele recebeu os saberes do ofício que exerceu e que transmitiu aos seus descendentes.

Figura 20: Raizeiro Luciano Neto



Fonte: Arquivo da autora (2024)

Por outro lado, a trajetória da família de Seu Didi demonstra a importância da prática de raizeiro, tanto como meio de sustento quanto como manifestação cultural. Sua história ressalta a transição do comércio informal para uma posição consolidada dentro do mercado de plantas medicinais, destacando os desafios e conquistas desse percurso. Por sua vez, Josivan traz consigo o aprendizado herdado, reforçando também o valor do conhecimento detalhado sobre as propriedades das plantas e seus preparos. E Luciano Neto reforça a relevância de preservar os saberes tradicionais em um contexto que, historicamente, os desvaloriza, mas que continua a irromper sua relevância cultural e terapêutica.

De maneira análoga ao que ocorre entre os povos indígenas Akwẽ-Xerente, a transmissão oral do conhecimento sobre plantas medicinais desempenha papel central na preservação cultural dos raizeiros do Mercado Municipal de Araguaína. Conforme Nãmnãdi (2011), entre os Akwẽ, esse saber é passado dos mais velhos para os mais jovens com o objetivo de manter vivos os costumes e reforçar a identidade coletiva frente ao avanço dos medicamentos industrializados. Essa mesma lógica se aplica aos raizeiros, cujas práticas, sustentadas pela experiência e pela oralidade, constituem verdadeiros espaços educativos e de resistência cultural e simbólica.

Mas cabe ressaltar que a desvalorização por parte da sociedade dos conhecimentos tradicionais é um desafio recorrente, como relatado por Josivan e Luciano Neto. A falta de apoio público e as condições precárias no Mercado mostram a necessidade de políticas que reconheçam o valor cultural e econômico desses saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início desta pesquisa, eu me coloquei como alguém que está aprendendo. Neste sentido, as técnicas da observação participante e da história oral de vida foram fundamentais para conhecer os raizeiros, o contexto de sua prática e a perspectiva dos clientes sobre as plantas e a cura. A partir de Escobar (2005), entendo que o mercado vai além de seu papel econômico, sendo um lugar de memória onde saberes ancestrais se entrelaçam com a modernidade. Especificamente no caso do Mercado Municipal de Araguaína, a interação entre consumidores e raizeiros demonstra como os espaços comerciais podem atuar como bastiões culturais, preservando identidades locais. Esse ambiente é um exemplo prático do que Moraes (2014) descreve como territórios de pertencimento, reforçando os vínculos entre os indivíduos e seu contexto social.

Ao retornar aos objetivos que nortearam esta investigação, constata-se que a pesquisa buscou examinar os mecanismos de transmissão dos saberes sobre plantas medicinais no Mercado Municipal de Araguaína e também evidenciar a complexidade dessas práticas. A análise da trajetória de Seu Didi e de sua família permitiu desvendar como a transmissão oral e intergeracional se constitui como o eixo central para a preservação desse conhecimento, intricadamente ligado a dimensões rituais, familiares e comunitárias. Considero que tais saberes, longe de serem estáticos, reproduzem-se e adaptam-se no tempo. Dessa forma, o estudo alcançou seu propósito de descrever os valores e significados dessas práticas a partir da ótica dos próprios sujeitos, revelando como o mercado se consolida como um território de pertencimento e resistência cultural.

Termino o trabalho, compreendendo que o processo de transmissão de saberes tradicionais relacionados ao uso de plantas medicinais e às práticas de cura no contexto do Mercado Municipal de Araguaína/TO. Para tanto, utilizei a história oral e a pesquisa de campo, apoiada em entrevistas, no intuito de revelar as riquezas e a complexidade desses conhecimentos, que se mantêm vivos e relevantes por meio de gerações, apesar das pressões do capitalismo contemporâneo e da hegemonia da medicina moderna.

Nesse sentido, compreendo que a transmissão oral desses saberes é um elemento central para a manutenção da cultura local, sendo muitas vezes associada a práticas espirituais e comunitárias. Em especial, considero que a trajetória de Seu

Didi e de sua família ilustra como esses conhecimentos são preservados e adaptados às mudanças sociais, fortalecendo laços intergeracionais e promovendo o pertencimento comunitário. Penso ainda que a prática de raizeiros, enquanto guardiões de saberes ancestrais, reafirma a relevância cultural e terapêutica dessas tradições para a população de Araguaína.

Contar essas histórias me deixa bastante emocionada, mas também apreensiva em certo aspecto. Ainda inexiste, penso eu, uma política mais séria de valorização dessas tradições e cultura. Apesar da riqueza cultural e da relevância social das práticas dos raizeiros os desafios institucionais, como a falta de regulamentação e apoio, colocam em risco a continuidade desses saberes.

A riqueza e a materialidade dos saberes documentados ao longo desta dissertação encontram sua expressão concreta nos apêndices que a complementam. O Apêndice A (Fotos de Campo) captura a autenticidade e a atmosfera do universo pesquisado, já o Apêndice E (Catálogo de Plantas Medicinais) sistematiza e devolve à comunidade, de forma organizada e acessível, o conhecimento que dela foi generosamente compartilhado.

Por fim, nesta pesquisa, busquei reforçar a necessidade de se reconhecer e respeitar os saberes locais como elementos essenciais para a construção de uma sociedade que valoriza sua diversidade cultural, promovendo o diálogo entre passado e presente.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Jorge Luís de Medeiros. **Educação Patrimonial: Novas Perspectivas para o Ensino de História**. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins. Araguaína, 2016. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/173172/1/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Patrimonial%20-%20novas%20perspectivas%20para%20o%20Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 05 out. 2024.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Petrópolis: Editora Vozes, 2025.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Embrapa Rondônia. **Plantas Medicinais: Folder 09 - Série Plantas Medicinais**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2001. (Subprojeto Instalação de horto-matriz de plantas medicinais). Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca>. Acesso em: 02 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Informações sistematizadas da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS: Bidens pilosa L., Asteraceae (Picão-Preto)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/informacoes_sistematizadas_relacao_nacional_plantas_medicinais_picao_preto.pdf. Acesso em: 02 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Informações sistematizadas da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS: Stryphnodendron adstringens (Mart.) Coville, Fabaceae (Barbatimão)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/informacoes_sistematizadas_relacao_strypnodendron_adstringens.pdf. Acesso em: 02 jul. 2025.

CARVALHO, Gleyce Martins. 2022. 136 f. **Mulheres benzedoras e a R-existência de práticas e saberes através de rezas e plantas que curam**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Araguaína, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4306>. Acesso em: 16 out. 2024.

DE ARRUDA CAMARGO, Maria Thereza Lemos. A garrafada na medicina popular: uma revisão historiográfica. **Dominguezia**, v. 27, n. 1, p. 41-49, 2011. Disponível em: <https://ojs.dominguezia.org/index.php/Dominguezia/article/view/2011%2027%281%29-4>. Acesso em: 23 dez. 2024.

DIAS, Jaqueline Evangelista.; LAUREANO, Lourdes Cardozo. (Coord.) **Farmacopeia Popular do Cerrado**. 1 ed. Goiás: Articulação Pacari, 2009.

ELLIS, Carolyn S.; BOCHNER, Arthur P. Analyzing analytic autoethnography: An autopsy. **Journal of contemporary ethnography**, v. 35, n. 4, p. 429-449, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0891241606286979>. Acesso em: 20 out. 2025.

ESCOBAR, Arturo et al. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, p. 69-86, 2005.

FERREIRA DOS SANTOS, Josiel. **Dona França e a Ilha de São José: diálogo entre conhecimento acadêmico e ribeirinho**. 2024. 103 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Norte do Tocantins, Centro de Ciências Integradas, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Araguaína, 2024.

FRANÇA, Inácia Sátiro Xavier de; SOUZA, Jeová Alves de; BAPTISTA, Rosilene Santos; BRITTO, Virgínia Rossana de Sousa. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 61, 201-208, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/dYkMVhNDT7ydC55WTzknHxs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 nov. 2024.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução: Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: vozes, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Histórico do município de Riachão-MA**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/riachao/historico>. Acesso em: 17 nov. 2024.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista de Educação**, n. 3, v. 63, p. 413-438, 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: 17 out. 2024.

JOSSO, Marie Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e pesquisa**, v. 32, p. 373-383, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/s6NdjwQC6LGVHJWXNb9753R/?format=pdf>. Acesso em: 17 out. 2024.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 2013.

MORAES, Antonia Laudeci Oliveira. **“Dona Raimunda é que segura a gente ali na Tauá”: a trajetória de vida de Raimunda Pereira dos Santos**. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, 2024. Acesso em: 29 dez. 2024.

NÃMNÃDI, Ilda Xerente. **O tratamento de remédio tradicional: oficina com alunos e moradores da Aldeia Bru Krãipa / Boa Fé**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural de Formação Superior de Professores Indígenas) – Universidade Federal de Goiás, Núcleo Takinahakỹ, Goiânia, 2011.

NASCIMENTO, Aline Duarte et al. Abordagem sobre taxonomia, formas de uso e conservação da espécie *Quassia amara* (pau-tenente) no estado do Maranhão. In: SANTOS, Francisco Soares; ALMEIDA JÚNIOR, Eduardo Bezerra (Org.). **Biodiversidade do meio norte do Brasil: conhecimentos ecológicos e aplicações**. v. 3. São Luís: Editora CRV, 2020. p. 237-246. Disponível em: https://lebufma.com.br/wp-content/uploads/2023/02/2020_Nascimento-et-al_Abordagem-taxonomica-de-Quassia-amara.pdf. Acesso em: 02 jul. 2025.

NERY, João Carlos Santiago. **Saberes e práticas populares em saúde: um estudo sobre raizeiros(as) do mercado municipal de Araguaína/TO**. 2021. 117f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Araguaína, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/3423/1/Jo%c3%a3o%20Carlos%20Santiago%20Nery%20-%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 08 out. 2024.

NERY, João Carlos Santiago; SILVA, Marivaldo Cavalcante da. A territorialização dos raizeiros do Mercado Municipal de Araguaína/TO. *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, n. 59, 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/52106>. Acesso em: 10 dez. 2024.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. **Território e territorialidade nos limites do rural e urbano, na comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO**. 2018. 183f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Araguaína, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1639>. Acesso em: 28 dez. 2024.

MOURA, Osmar Oliveira de; SANTOS, Ana Caroline Pereira dos; ARAÚJO, Sylvania Reis de; MENDES, Maurício Ferreira. O Mercado Municipal de Araguaína/TO como propulsor de alimentos do cerrado. *Revista Cerrados*, [S. l.], v. 18, n. 01, p. 44–65, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/844>. Acesso em: 25 out. 2024.

PEREIRA, Ailton Vitor et al. *Hancornia speciosa*. In: VIEIRA, R. F.; CAMILLO, J.; CORADIN, L. (Org.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro**: Região Centro-Oeste. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2016. p. 237-246. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1073412/1/Mangaba.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2025.

PEREIRA, Isabel Cristine Meireles. **Tambor falou, caboclo cantou**: uma reflexão acerca das metáforas conceituais nos pontos cantados do Tambor de Mina de São Bernardo/MA. 2021. 100 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras - Campus Bacanga) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/4229>. Acesso em: 10 out. 2024.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação**: as origens da nossa época. São Paulo: Campus, 2000.

RAMOS JUNIOR, Dernival Venâncio; SILVA, Idelma Santiago; PEREIRA, Airton dos Reis. História Oral à Amazônida: trajetórias de (des)aprendizagem. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; SANTHIAGO, Ricardo. (org.) **O desafio do diálogo**: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO. Rio de Janeiro: FGV Editora; São Paulo: Letra e Voz, 2024.

RAMOS JUNIOR, Dernival Venâncio; FERREIRA DOS SANTOS, Josiel. Das conversas em roda à Roda de conversa: experiências de pesquisa com História oral e institucionalidades epistêmicas tradicionais da Comunidade Ilha de São José. **Revista Escritas**, [S. l.], v. 15, n. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/escritas/article/view/18071>. Acesso em: 02 out. 2024.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Sílvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6497/649770014013/649770014013.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

SAQUET, Marcos Aurélio. O TERRITÓRIO: A ABORDAGEM TERRITORIAL E SUAS IMPLICAÇÕES NAS DINÂMICAS DE DESENVOLVIMENTO. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 23, p. 25-39, 2019. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/22719>. Acesso em: 29 out. 2024.

SCHMITT, Cláudia Job; TYGEL, Daniel. Agroecologia e Economia Solidária: trajetórias, confluências e desafios. In: PETERSEN, Paulo (Org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

SILVA, Idelma Santiago da; RAMOS JÚNIOR, Darnival Venâncio. História oral e comunidades político-epistêmicas: para superar o isolamento intelectual e o exclusivismo epistêmico. **História Oral**, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 184–202, 2024. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1407>. Acesso em: 29 dez. 2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora, 2022.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **História oral**: a voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, [S. l.], v. 5, 2009. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/47>. Acesso em: 12 out. 2024.

TRESVENZOL, L. M.; PAULA, J. R.; RICARDO, A. F.; FERREIRA, H. D.; ZATTA, D. T. ESTUDO SOBRE O COMÉRCIO INFORMAL DE PLANTAS MEDICINAIS EM GOIÂNIA E CIDADES VIZINHAS. **Revista Eletrônica de Farmácia**, Goiânia, v. 3, n. 1, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/REF/article/view/2070>. Acesso em: 27 out. 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: A perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015a.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015b.

UFMG. Centro Especializado em Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas (CEPLAMT). **Valeriana**. Belo Horizonte, 2025. Disponível em: <https://www.ufmg.br/mhnpj/ceplamt/bancodeamostras/valeriana/>. Acesso em: 02 jul. 2025.

UFPB. Universidade Federal da Paraíba. **PET-Farmácia**. João Pessoa, 2025. Disponível em: <https://www.ufpb.br/petfarmacia/contents/documentos/10001798991.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2025.

UFSC. HORTO DIDÁTICO DE PLANTAS MEDICINAIS DO HU/CCS. **Garra-do-diabo**. Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/garra-do-diabo/>. Acesso em: 02 jul. 2025.

VALE, Maíra. Todo mundo tem uma história para contar: produção coletiva de livros e escrita etnográfica no Recôncavo da Bahia. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 49, n. 3, e-12p53, 2024. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/13155>. Acesso em: 24 jun. 2025.

VENÂNCIO, Sariza Oliveira Caetano. **Encantados na Umbanda no norte do Tocantins**. 2019. 251 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1636967>. Acesso em: 15 out. 2024.

XERENTE, Nelson Praze. **Estudo de plantas medicinais Akwẽ**. Aldeia Nova, Mrãiwahã – TO: Universidade Federal de Goiás, Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, 2011. Projeto Extraescolar (Licenciatura Intercultural de Formação Superior de Professores Indígenas).

APÉNDICE

APÊNDICE A – FOTOS DE CAMPO

Figura 21: Cascas, ervas e raízes no Mercado Municipal



Fonte: Arquivo da autora (2024)

Figura 22: Óleos e Raízes



Fonte: Arquivo da autora (2024)

Figura 23: Consumidores no Mercado de Araguaína



Fonte: Arquivo da autora (2024)

APÊNDICE B – MODELO TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Transmissão de Saberes entre Gerações: Conhecimentos Tradicionais sobre Plantas Medicinais e Atividades de Compra e Venda de Raízes no Mercado Municipal de Araguaína/TO

Pesquisadora: Jeana Maria de Moura Telles

Instituição: Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

I. Apresentação da Pesquisa

Esta pesquisa busca compreender como os saberes tradicionais sobre plantas medicinais são transmitidos entre gerações, com foco nas práticas dos raizeiros do Mercado Municipal de Araguaína. O estudo utiliza entrevistas semiestruturadas e observação participante para documentar a experiência e o conhecimento dos raizeiros, bem como suas relações com o território e a comunidade.

II. Objetivos da Pesquisa

- Investigar as práticas de transmissão de saberes entre gerações no contexto do Mercado Municipal de Araguaína.
- Analisar como esses conhecimentos tradicionais contribuem para a identidade cultural e econômica da comunidade local.

III. Procedimentos e Participação

A sua participação consistirá em uma entrevista individual, com duração estimada de 60 minutos, que será gravada com sua permissão. A entrevista incluirá perguntas sobre sua trajetória de vida, práticas relacionadas ao uso de plantas medicinais e sua experiência como raizeiro ou membro da comunidade. Caso necessário, poderão ser realizadas novas entrevistas ou visitas para complementar as informações.

IV. Sigilo e Confidencialidade

Todas as informações coletadas serão tratadas de forma confidencial e utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos. Os dados poderão ser

apresentados em publicações científicas, mas de forma anonimizada, sem identificação dos participantes. Os registros das entrevistas (áudios e transcrições) serão armazenados em local seguro e destruídos após cinco anos.

V. Benefícios e Riscos

A pesquisa não oferece benefícios diretos aos participantes, mas contribui para a valorização e preservação dos saberes tradicionais, promovendo sua relevância acadêmica e cultural. Não há riscos significativos associados à sua participação; no entanto, você poderá solicitar esclarecimentos ou retirar seu consentimento a qualquer momento.

VI. Direito de Recusa ou Retirada

Sua participação é voluntária e você poderá interrompê-la a qualquer momento, sem justificativas e sem prejuízo de qualquer natureza.

VII. Contato para Esclarecimentos

Se houver dúvidas ou necessidade de informações adicionais, entre em contato com a pesquisadora:

- Jeana Maria de Moura Telles - jeanammt@gmail.com / (63)981191588

Declaração de Consentimento

Após ser informado(a) sobre os objetivos, procedimentos, benefícios, riscos e confidencialidade desta pesquisa, eu, _____, confirmo que concordo em participar de forma voluntária. Declaro que minhas dúvidas foram esclarecidas e que recebi uma cópia deste termo para consulta.

Local e Data: _____

Assinatura do(a) Participante: _____

Assinatura da Pesquisadora: _____

APÊNDICE C – SUBMISSÃO AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
NORTE DO TOCANTINS
(UFNT)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRANSMISSÃO DE SABERES INTERGERACIONAL: CONHECIMENTO TRADICIONAIS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E ATIVIDADES DE COMPRA E VENDA DE RAÍZES NO MERCADO MUNICIPAL DE ARAGUAINA/TO

Pesquisador: JEANA MARIA DE MOURA TELLES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 82130624.0.0000.0342

Instituição Proponente: Centro de Educação, Humanidades e Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.104.878

Apresentação do Projeto:

O conhecimento sobre plantas medicinais pode representar uma importante fonte de cuidados de saúde acessíveis e eficazes, especialmente em regiões onde o acesso a serviços médicos é limitado. Compreender como esses conhecimentos são transmitidos e utilizados pode contribuir para a promoção da saúde pública e o fortalecimento de práticas de medicina tradicional complementares ao sistema de saúde convencional. O uso de plantas medicinais e práticas de agricultura tradicional podem estar associados a estratégias de uso sustentável dos recursos naturais. Ao investigar as práticas de compra e venda de raízes no Mercado Municipal, é possível avaliar como essas atividades impactam o meio ambiente e identificar oportunidades para promover práticas mais sustentáveis. A escolha por esta temática nasceu do desejo de militância e de luta em prol daquelas pessoas menos favorecidas e por estar mesmo que indiretamente envolvida com estas realidades e por acreditar que existe alguma esperança aos que vivenciam experiências de tamanha desigualdade. É um trabalho que tem relevância acadêmica tendo em vista a produção de fontes para futuras pesquisas, outro sim poderá fornecer materiais didáticos para construir cidadania e criticidade sobre o sistema. Este trabalho possibilitara lutar para formulação de políticas públicas que atenda a necessidade destas pessoas.

Fonte: <https://plataformabrasil.saude.gov.br>

APÊNDICE D – CRONOGRAMA**Quadro 2:** Cronograma de Pesquisa

Etapa	Semestre 1	Semestre 2	Semestre 3	Semestre 4
Revisão de Literatura				
Planejamento do Estudo				
Submissão ao CPE				
Coleta de Dados				
Análise de Dados				
Qualificação				
Desenvolvimento de Atividades				
Redação da Dissertação				
Revisão e Submissão				

Fonte: Elaboração Própria (2024)

APÊNDICE E – CATÁLOGO

Como produto técnico-didático derivado desta pesquisa, elaborei o seguinte Catálogo de Plantas Medicinais do Mercado Municipal de Araguaína. Cabe ressaltar que todas as fotografias das plantas, raízes, óleos e do ambiente do mercado que ilustram o catálogo são de minha autoria, fruto do registro etnográfico durante o trabalho de campo. Eu procedi à catalogação e sistematização das informações: o catálogo organiza e descreve mais de duas dezenas de espécies medicinais, sendo que os dados tradicionais sobre uso e preparo, coletados diretamente com os raizeiros, foram complementados com fontes científicas disponíveis em plataformas de acesso aberto, como cartilhas e *sites* especializados. Ademais, o catálogo traz duas das receitas de maior tradição e aceitação no mercado, criadas e aperfeiçoadas pelo raizeiro Seu Didi: um xarope e uma garrafada, detalhando seus ingredientes e indicações. A diagramação e formatação final foram realizadas por meio da plataforma Canva.



Catálogo
**PLANTAS
MEDICINAIS**

AÇAFRÃO-DA-TERRA

Curcuma Longa



Distribuição geográfica:
Índia, China, Sudeste Asiático

Indicações: Digestão, TPM, anti-
inflamatório, antioxidante

Posologia: 2g por dia

Fonte: UFMG (2025); Dado da Pesquisa
(2025)



HORTELÃ-PIMENTA

Mentha x Piperita



Distribuição geográfica:
Europa - introduzida no Brasil

Indicações:
Vermífugo, digestivo, calmante, mau
hálito

Posologia:
Sumo ou infusão (5g), 3-5 xícaras ao dia

Fonte: Brasil (2001); Dado da Pesquisa
(2025)



VALERIANA

Valeriana Officinalis



Distribuição geográfica:
Europa e Ásia subpolares

Indicações:
Calmante, insônia, cólicas, enxaqueca

Posologia:
Uso do fitoterápico sob orientação
médica

Fonte: UFMG (2025); Dado da Pesquisa
(2025)



ALGODÃOZINHO

Cochlospermum Regium



Distribuição geográfica:
Todas as regiões do Brasil

Indicações:
Depurativo, sangue, inchaço nas pernas

Posologia: Garrafadas ou tomado com
água

Fonte: Dias e Laureano (2009); Dado da
Pesquisa (2025)



OLIVEIRA

Olea Europaea



Distribuição geográfica:
Grécia, Mediterrâneo

Indicações: Anti-inflamatória e diurética

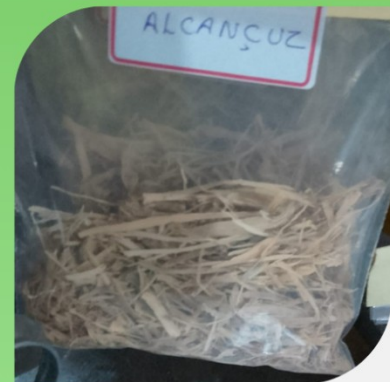
Posologia: Chá: 2 colheres de folhas secas por litro de água, até 3 xícaras/dia

Fonte: Dado da Pesquisa (2025)



ALÇAÇUZ

Glycyrrhiza Glabra



Distribuição geográfica:
Ásia Central e Mediterrâneo

Indicações:
Tosse, dores de garganta, bronquite,
gastrite, úlceras

Posologia: 0,2 a 1,0g por dia

Fonte: UFMG (2025); Dado da Pesquisa
(2025)



AROEIRA

Schinus terebinthifolia



Distribuição geográfica:
Argentina, Paraguai e Brasil

Indicações: Inflamações, cicatrizante,
antimicrobiana, tônica, diurética,
antidepressiva

Posologia: Uso tópico ou gargarejos
com casca, folhas ou frutos

Fonte: UFSC (2025); Dado da Pesquisa
(2025)



ARTEMISIA

Artemisia Vulgaris



Distribuição geográfica:
Europa e Ásia

Indicações: Desordens menstruais,
digestiva, calmante, anti-inflamatória

Posologia: Chá por infusão

Fonte: UFPB (2025); Dado da Pesquisa
(2025)



PICÃO

Bidens Pilosa



Distribuição geográfica:
América do Sul, regiões tropicais e subtropicais

Indicações:
Malária, hepatite, icterícia, inflamação renal, diabetes

Posologia: 1 xícara de chá 4x ao dia

Fonte: Brasil (2022); Dado da Pesquisa (2025)



CAVALINHA

Equisetum Arvense



Distribuição geográfica:
Europa e América do Norte

Indicações:
Cistite, inflamações urinárias, feridas e
queimaduras

Posologia: Infusão com 6g da planta
seca, 3 vezes ao dia

Fonte: UFMG (2025); Dado da Pesquisa
(2025)



URTIGA

Urtica Dioica



Distribuição geográfica:
Europa, África, Ásia, América do Norte

Indicações:
Anti-inflamatório, artrite, reumatismo,
urinários

Posologia: Chá com 1 colher de chá de
folhas secas, até 3 x/dia por 7 dias

Fonte: Dado da Pesquisa (2025)



BARBATIMÃO

Stryphnodendron Adstringens



Distribuição geográfica:

Todo o Brasil - Caatinga e Cerrado

Indicações:

Feridas, queimaduras, hematomas

Posologia: Aplicação local do extrato 1 a 3 vezes ao dia

Fonte: Brasil (2021); Dado da Pesquisa (2025)



PAU-TENENTE

Quassia Amara



Distribuição geográfica:
Região Norte (Amazônia), Maranhão

Indicações:
Digestivos, prisão de ventre, vermífugo,
infecções

Posologia:
Infusão/maceração das folhas/cascas -
2x ao dia

Fonte: Nascimento et al. (2020); Dado
da Pesquisa (2025)



MANGABEIRA

Hancornia Speciosa



Distribuição geográfica:
Todas as regiões do Brasil

Indicações: Cardiovasculares, diabetes,
tônico pulmonar, cicatrizante

Posologia: Chá da raiz: 3 xícaras/dia (1
colher de chá em água fervente)

Fonte: Pereira et al. (2016); Dado da
Pesquisa (2025)



GARRA-DO-DIABO

Harpagophytum procumbens



Distribuição geográfica:
Namíbia - Sul da África

Indicações: Artrite, artrose, dor lombar

Posologia: 1 cápsula ao dia por 2
semanas

Fonte: UFSC (2025); Dado da Pesquisa
(2025)



UNHA-DE-GATO

Uncaria tomentosa



Distribuição geográfica:
América do Sul e Central

Indicações: Gastrite, úlcera, artrite,
mioma, distúrbios menstruais

Posologia: 250 a 1000mg por dia
divididos em até 3 doses

Fonte: UFSC (2025); Dado da Pesquisa
(2025)



CHAPÉU-DE-COURO

Echinodorus Macrophyllum



Distribuição geográfica:
Do sul do México ao Brasil

Indicações: Diurético

Posologia:
Infusão 2 vezes ao dia

Fonte: Dado da Pesquisa (2025)



PAU-TENENTE

Quassia Amara



Distribuição geográfica:
Região Norte (Amazônia), Maranhão

Indicações:
Digestivos, prisão de ventre, vermífugo,
infecções

Posologia:
Infusão/maceração das folhas/cascas -
2x ao dia

Fonte: Nascimento et al. (2020); Dado
da Pesquisa (2025)



COPAÍBA

Copaifera Langsdorffii



Distribuição geográfica:
Brasil, Argentina, Bolívia, Paraguai

Indicações:
Inflamações em geral

Posologia: 1 a 2 gotas diluídas em água,
2 vezes ao dia

Fonte: Dado da Pesquisa (2025)



MAMONA

Ricinus Communis



Distribuição geográfica:
Ásia Meridional

Indicações: Cicatrizante, laxante,
nutritivo, hidratante

Posologia: 1 colher de sopa ao dia

Fonte: Dado da Pesquisa (2025)



BURITI

Mauritia flexuosa



Distribuição geográfica:
Trinidad e Tobago, Venezuela, Brasil

Indicações: Cicatrizante e hidratante
para a pele

Posologia: Aplicar óleo na pele úmida
após o banho

Fonte: Dado da Pesquisa (2025)



PEQUI

Caryocar Brasiliense Camb



Distribuição geográfica:
Cerrado brasileiro

Indicações:
Saúde da pele, cabelos, anti-
inflamatório, intestino, cardiovascular

Posologia: 1 colher de chá por dia; óleo
aplicado na pele

Fonte: Dado da Pesquisa (2025)



Receitas do Seu Didi - xaropes mais Vendidos

1. Xarope para Asma, Bronquite e Catarro

Receita: Misture semente de quiabo, raspas de gengibre, óleo de peixe, malva do reino, agrião, avelã, angico, jatobá, caraíba, cebola branca, azeite de pequi e mel.

Deixe curtir e embale em garrafas. Indicação: Asma, bronquite, tosse e catarros crônicos.

2. Garrafada Saúde do Útero

Receita: Misture sanga d'água com cansação branco e água. Deixe curtir no sereno durante uma semana e depois engarrafe. Indicação: Tratamento de inflamações do útero e saúde feminina.





MERCADO MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA

Plantas Medicinais

R. Vinte e Um de Abril, s/n
Centro, Araguaína - TO